Renold Blank

Encontrar sentido na vida:

Propostas filosóficas

COMO LER FILOSOFIA

Renold Blank

Encontrar sentido na vida:

Propostas filosóficas

Índice

Propostas das quais algumas, talvez, serão aceitas

Nos capítulos a seguir, o leitor é convidado a começar uma caminhada. Nela dará os primeiros passos em busca de respostas a uma das indagações mais fascinantes, mas também mais incômodas da condição humana:

⇒ *Qual é o sentido da vida*?
⇒ *Será que o ser humano é o resultado de acasos, ou será que atrás dos acasos se esconde um último sentido*?
⇒ *Qual o caminho para achar sentido, diante das contradições insolúveis da existência*?
⇒ *Como achar o próprio sentido diante da aparente absurdidade da morte*?

A partir dessas indagações, o texto convida a descobrir algumas das tentativas da Filosofia para resolver o enigma da condição humana, escondido atrás dessas questões.

Enigma de um mundo no qual o homem pode se perder.

Enigma da pessoa que busca felicidade, e cujas aspirações, constantemente, são ameaçadas por um destino incompreensível.

Enigma do ser humano, que, apesar das imposições desse destino, quer controlar os fatos, construir a sua vida e alcançar a felicidade.

É na tensão entre essa aspiração e os fatos reais que se desenvolve a vida. E é em cima dessa tensão que a reflexão filosófica começa a buscar caminhos para possíveis respostas.

Algumas delas, o presente livro quer apresentar. *Elas, em nada, são receitas prontas. Elas, muito mais, devem ser compreendidas como impulsos para as próprias reflexões e para as subseqüentes indagações que surgem como conseqüência de toda reflexão filosófica.*

Neste sentido, o autor tem a esperança de que, depois da leitura deste livro, os seus leitores possam dizer do texto o mesmo que o grande poeta Berthold Brecht pediu que se falasse dele:

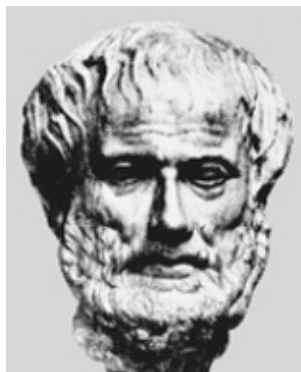
> “Ele formulou propostas;
> e algumas delas, nós aceitamos”.
> Assim, nós dois ficaríamos honrados.

CONTINUAR A PENSAR

1. Elabore uma descrição daquilo que aqui está sendo chamado “a tensão entre as aspirações humanas” e os fatos reais da vida.
2. Por que o presente livro quer apresentar “propostas” e não soluções?
3. Qual é a diferença entre “apresentar propostas” e “apresentar soluções”?
4. Em que sentido propostas podem contribuir mais para a solução de problemas do que respostas prontas?

Enigma e mistério da pessoa humana

Imagine que fosse possível conversar com o famoso filósofo Aristóteles, do século 4 a.C. Você o questionaria sobre o que é o homem e qual é o sentido da sua vida.

Aristóteles, provavelmente, teria estranhado muito esse interesse específico. Para a época do grande filósofo da Antiguidade, o mundo se apresentava como sistema fechado de coisas, e o homem existia como uma entre outras dessas coisas. Dentro desse mundo de objetos, cada indivíduo tinha o seu lugar; e este era seu sentido: ocupar o seu lugar já respondia à indagação pelo sentido.

O homem era visto como elemento dentro de um cosmo fechado. Elemento importante, é verdade; elemento especial, talvez, mas não deixava de ser um elemento. Era esse ser um elemento dentro de um todo que garantia o sentido de sua existência.

Tal segurança, porém, desapareceu à medida que, mais tarde, um movimento chamado gnose começou a questionar esse modo de ver o homem e o mundo. Depois da gnose, o cosmo não mais se apresentava como sistema de um mundo equilibrado em si. A cosmovisão (ou seja, o modo de ver o mundo) da gnose é dualista. Ela compreende o cosmo a partir de princípios opostos que se mantêm numa tensão insuperável:

> O reino da luz se choca com o reino das trevas.
> O bem se encontra numa luta constante contra o mal.
> O próprio homem se apresenta como campo de batalha entre dois princípios: o espiritual e o material; a alma e o corpo.

Nessa visão conflitiva, se perde a segurança equilibrada da filosofia aristotélica.

O homem perde o seu lugar no mundo. Ele se torna enigma e problema para si mesmo.

Essa problematização se mantém por muitos séculos.

O grande filósofo Agostinho, do século 4. d.C., finalmente combate a

cosmovisão gnóstica. Mas também ele compreende o ser humano como incapaz de entender por si mesmo a ordem do cosmo. Só com a graça divina o ser humano poderia compreender o cosmo.

Por isso, para Agostinho, o ser humano só pode buscar responder à pergunta pelo sentido com a ajuda da fé. É só na luz dela que o enigma humano pode ser compreendido. Visto por si mesmo, este permanece um "grande e profundo mistério", diante do qual, Agostinho mantém uma atitude de surpresa e de espanto:

"quid ergo sum, Deus meus, quae natura mea?"

"o que eu sou, meu Deus; qual é a minha natureza?"

Com Agostinho, a reflexão filosófica descobre o ser humano como problema. Tal perspectiva problemática permanece até a elaboração dos grandes sistemas filosófico-teológicos da Idade Média. É só neles que se consegue ver o ser humano outra vez assim, como ele aparece no pensamento de Aristóteles: um ser situado dentro de um universo definido e marcado pelas convicções da religião cristã. Assim, se alcança um certo equilíbrio entre o ser humano e o mundo.

Santo Agostinho,
painel de Michael Pacher (1430-1498),
Munique, Alte Pinakothek.

Mas tal equilíbrio logo se quebra novamente, e a pergunta por aquilo que é o ser humano volta com muita força a partir das turbulências da Renascença

(século 16).

A partir dela, a questão antropológica continua sendo problemática. Ela permanece assim até hoje. Toda a Filosofia do século 20 se apresenta predominada por ela. E as reflexões do século 21, com a ajuda das assim chamadas neurociências, e de muitas outras disciplinas, continuam a questionar o ser humano a partir de enfoques novos. Quem é esse SER HUMANO? Ele se apresenta enraizado num mundo material, social e histórico, mas a interação entre esse mundo e a sua consciência permanece enigmática. E qual, afinal, é a última finalidade da sua vida, caso haja tal finalidade?

Parece lógico dizer que todo homem encontra o seu sentido à medida que realiza aquilo que é a própria essência do seu ser. Mas será que sabemos o que é a essência daquilo que chamamos de “ser humano”? O problema permanece.

No decorrer da História, deram a ela muitas respostas que, muitas vezes, eram bem divergentes.

Parece que a essência daquilo que é o ser humano não se acha de maneira tão fácil, simplesmente definida e pronta.

Além disso, eram os grandes filósofos Martin Heidegger (1889-1976) e, seguindo ele, também Jean Paul Sartre (1905-1980), que advertiram sobre um fato fundamental:

“A busca pela essência deve iniciar-se pela análise da existência”.

A EXISTÊNCIA PRECEDE A ESSÊNCIA.

Se, porém, é assim, torna-se necessário começar a estudar primeiro a existência concreta de uma pessoa concreta, para assim achar respostas à indagação sobre o que é a essência dessa pessoa e qual é o sentido da sua vida?

Nos capítulos a seguir, apresentaremos algumas das respostas, com as quais a Filosofia tenta resolver as indagações nascentes das perspectivas acima mencionadas. Essas respostas não são definições prontas nem soluções definitivas. São muito mais impulsos para as suas próprias reflexões. São convites para que cada um, a seu modo, embarque nesta aventura fascinante: A BUSCA DE SENTIDO.

CONTINUAR A PENSAR

1. Por que o grande filósofo Aristóteles, provavelmente, teria estranhado muito, caso tivesse sido questionado sobre o sentido da vida do ser humano?
2. O que significa a irrupção da gnose, para a compreensão do homem e do seu sentido?
3. Qual é o papel de Agostinho no desenvolvimento da questão antropológica?
4. Em que a Renascença contribuiu para o desenvolvimento da questão sobre o sentido da existência humana?
5. O que o ser humano precisa para descobrir o sentido da sua vida?
6. O que queremos dizer quando falamos da “essência” do ser humano?

Felicidade, morte e sentido da vida
(Albert Camus: 1913-1960)

A indagação pelo sentido preocupa a Filosofia, dos pré-socráticos até as contemporâneas reflexões da pós-modernidade. De vários ângulos e de maneiras às vezes explícita e às vezes muito escondidas, ressurge sempre a mesma indagação:

⇒ *Qual é o sentido da nossa vida?*

⇒ *Uma vida que necessariamente acaba com a morte pode ter sentido?*

⇒ *Como podemos ser felizes, sabendo que devemos morrer?*

Essa é a problemática que marca a existência humana e essa é a realidade enigmática que preocupa o grande poeta e filósofo Albert Camus. Ele não é o primeiro a tratar dessa questão. Já nas antigas narrações mitológicas de muitas culturas encontramos a inquietação causada pelo problema da morte. Muitas doutrinas religiosas também se baseiam nessa inquietação.

Albert Camus

Em vez de tratar a questão da morte e do sentido da vida de forma puramente teórica, Albert Camus usa a literatura. Suas obras, em geral, são mais acessíveis do que as reflexões filosóficas abstratas e teóricas. Por causa disso, vamos tentar deduzir em base delas a resposta, formulada pelo filósofo Camus.

Na sua peça Calígula, Albert Camus deixa o imperador romano falar uma sentença que sintetiza toda a problemática da condição humana:

“As pessoas morrem e não alcançaram a felicidade.”

Diante desse fato, Camus formula da maneira mais clara o escândalo que faz parte da ordem natural do mundo:

– O ser humano está condenado a morrer.

– É possível que o indivíduo que morre nem tenha alcançado a sua felicidade.

A morte em si, para a corrente existencialista, já é um escândalo.[1] A esse escândalo, porém, se acrescenta outro, mais chocante e mais revoltante: as

pessoas, no decorrer dessa vida condenada à morte, nem alcançaram a felicidade!

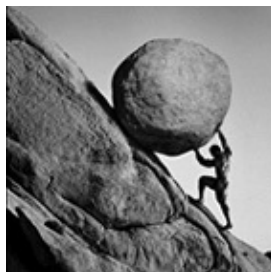
Se não alcançaram a felicidade, não acharam o sentido de sua vida. Essa verdade não está sendo formulada explicitamente. Mas ela, de maneira implícita, está presente em toda a obra de Camus.

O problema é que a última finalidade de toda vida é inevitavelmente a morte, – e dessa fatalidade ninguém pode escapar. Esse fato motivou Camus a ir em busca de caminhos, através dos quais o ser humano, apesar de tudo, poderia chegar a um estado de felicidade.

Esses caminhos se apresentam sob o nome de revolta. *O homem é chamado a revoltar-se contra a ditadura cega de uma ordem natural, que conduz necessariamente à morte.* Numa tal revolta, diz Camus, o homem alcança a sua felicidade, mas não só isso. Ele até cria certa consciência sobre o sentido que sua vida tem ou poderia ter.

Esse sentido, porém, não se apresenta como resultado gratuito. Ele, bem pelo contrário, é conseqüência de uma decisão consciente. Nela, a pessoa se confronta com a absurdidade imposta à sua existência, por parte de condições exteriores. Essas condições não são simplesmente aceitas. O homem não se dobra, chorando o seu destino imutável. Em vez disso, decide revoltar-se contra esse destino, mesmo sabendo que não poderá mudá-lo. A sua revolta consiste numa atitude de teimosia. Ele assume como seu próprio projeto aquilo que não pode mudar.

À medida que o homem realiza esse tipo de revolta contra o destino, ele assume a aparente absurdidade, fazendo dela, de maneira consciente, o seu destino. Com isso, consegue alcançar uma certa felicidade, e a sua vida aparentemente absurda ganha sentido. Camus mostra essa transmutação paradoxal na sua obra O mito de Sísifo.

A mitologia grega conta que os deuses haviam condenado Sísifo a rolar uma imensa pedra montanha acima. Mas imediatamente após ter realizado a tarefa, a pedra cairia para baixo novamente; Sísifo, num círculo vicioso sem fim e sem sentido, teria que recomeçar a tarefa por toda a eternidade. Um esforço inútil e eterno, uma vida sem sentido, uma existência condenada ao absurdo.

Em vez, porém, de desesperar-se diante do peso dessa absurdidade, o Sísifo de

Camus opta por um caminho diferente. Ele se revolta contra o absurdo, e a sua revolta consiste em assumir com teimosia a absurdidade, dizendo “sim” a uma tarefa aparentemente sem sentido.

A partir do momento desse “sim”, o absurdo não perde a sua absurdidade, mas é vencido pela decisão humana de fazer do absurdo o seu destino e de aceitar esse destino. A revolta contra a “absurdidade do absurdo” consegue transmutar tal absurdidade em sentido, pelo menos para o indivíduo que fica sujeito ao absurdo. Uma vez tomada a decisão de fazer do absurdo a sua tarefa, Sísifo fica feliz, e essa felicidade é a vitória da revolta contra a absurdidade de uma condição imposta e imutável. Com isso, porém, se conquista sentido no sem-sentido.

Chegamos assim a um resultado, válido para todas as épocas: o sentido ou o não-sentido de uma vida não é imposto por fora. Quem faz o sentido é a própria pessoa. É ela, num ato consciente da vontade, que pode dar sentido à sua vida, e esse ato da vontade é o passo para superar qualquer absurdidade de qualquer destino.

Mas, na concepção de Camus, essa transmutação da absurdidade inerente ao mundo não pára aqui. Ultrapassando a esterilidade do absurdo, Camus mostra perspectivas para achar sentido além do absurdo e apesar dele.

Já na sua obra A Peste, a revolta contra a absurdidade da morte abre caminhos que possibilitam a descoberta do outro. As personagens do romance deixam mover-se pela caridade. Sabendo que a sua luta não vencerá o escândalo da morte em si, elas pelo menos lutam contra a morte dos seus compatriotas, enclausurados na cidade empestada de Oran. E, nessa luta, descobrem o serviço ao homem como motivo para o agir. A virada para outras pessoas humanas se revela como sendo a possibilidade para achar sentido também para si mesmo.

O que começa na obra A Peste, será formulado anos depois, nas suas Observações sobre a violência, de maneira muito clara:

> *Continuo a acreditar que o mundo não tem sentido superior algum. Mas sei que alguma coisa nele tem sentido: é o homem, porque ele é o único a exigir que tenha sentido. No mundo, pelo menos, há a verdade do homem.*[2]

A indiferença do absurdo pode ser superada por um humanismo praticado, mesmo que esse humanismo se baseie na revolta orgulhosa de Sísifo.

Conforme Camus, a vida e o mundo carecem de significado. Esse significado pode ser adquirido pela escolha consciente de agir em prol do homem.

Com essa descoberta de um humanismo circunstancial praticado, Camus parece aproximar-se de um dos valores-chave da religião cristã: a caridade desinteressada em favor do outro.

– Assim, porém, não é.

O humanismo de Camus permanece humanismo baseado no orgulho e na revolta. Essa revolta não só é a revolta contra um mundo que se apresenta de maneira indiferente e absurda. No livro O homem revoltado, ela também torna-se revolta contra os representantes de qualquer religião. Todavia, tal revolta não é revolta por causa daquilo que essa religião apresentaria. Também não é revolta contra as respostas religiosas, formuladas para achar o sentido da vida e do mundo. A revolta de Camus se dirige muito mais contra as pretensões absolutistas com as quais tais respostas, tantas vezes no decorrer da história, foram propagadas. É essa a razão pela qual Camus rejeita recorrer à fé, para através dela achar uma resposta capaz de superar a absurdidade do mundo. Tal impedimento, porém, de aceitar a dimensão religiosa, tem a sua razão muito mais na atitude tantas vezes doutrinária dos representantes dessa fé, do que no seu conteúdo.

CONTINUAR A PENSAR

1. Em que consiste, na concepção de Camus, o "escândalo, inerente à ordem natural das coisas e do mundo"?
2. Será que Camus tem razão em compreender a ordem natural das coisas assim?
3. O que se pode dizer sobre a correlação estabelecida entre "alcançar a felicidade" e "achar o sentido da vida"?
4. Em que consiste a idéia da "revolta", formulada por Camus?
5. Como essa revolta se manifesta em Sísifo?
6. Será que a atitude de Sísifo contribui para a questão do sentido da vida humana?
7. O que significa "Quem faz o sentido é a própria pessoa"?
8. Como a obra *A Peste* mostra caminhos para achar o sentido, apesar da existência do absurdo?
9. Como a "indiferença do absurdo" pode ser superada abrindo caminho para a descoberta de sentido?
10. De que maneira o humanismo de Camus se distingue de um humanismo baseado na caridade cristã?

1 Camus sempre rejeitou ser denominado de "existencialista". Apesar disso, porém, ele compartilha com os existencialistas a noção da absurdidade de uma vida condenada a terminar com a morte.

2 Albert Camus. Remarque sur la violence, 22, e 4. Lettre, p. 72.

Achar sentido sem Deus? O dilema do ateísmo no existencialismo de Jean-Paul Sartre (1905-1980)

No livro A Peste, de Albert Camus, encontramos a indagação inquietante, se é possível acreditar de maneira ateísta em Deus.

É, no fundo, a mesma questão que encontramos também na filosofia de Jean-Paul Sartre. Ele formula o postulado de que Deus não existe. Apesar disso, porém, consta que esse Deus nunca pode ser extinto totalmente da consciência humana.

Este, de antemão, se vê confrontado com o problema de que "se Deus morreu, então tudo é permitido".[3]

Sartre vê nesta conseqüência "o ponto de partida do Existencialismo".[4]

Jean-Paul Sartre

O problema do ateísmo se coloca, assim, desde o início, mas não como pseudoproblema acadêmico, sem conseqüências para a vida real. Ele, bem pelo contrário, se apresenta como ponto inicial de toda uma série de indagações. Elas visam à existência humana na sua realização mais concreta. É a partir delas que também se decide a resposta em torno do sentido dessa existência.

1. A situação do homem

Se Deus não existe, não temos a mínima certeza de que a vida do ser humano tem sentido.

Não há instância nenhuma que garanta tal sentido ou que ofereça parâmetros certos, conforme os quais a pessoa poderia achar um último sentido para sua vida. Mas, sendo jogada neste mundo sem ser perguntada, a pessoa, apesar disso, não pode viver sem sentido. Se tal sentido não pode ser estabelecido com referência a uma instância maior, denominada Deus, é o homem ele mesmo quem o deveria criar. Se Deus não existe, cada indivíduo deve criar o seu próprio sentido.

Nessa criação de sentido, porém, não se encontra nenhum parâmetro moral absoluto porque, como já foi mencionado: se Deus não existe, "tudo é

permitido”.

Conseqüentemente, não há argumento convincente para exigir que a pessoa, na sua busca de sentido, siga alguns parâmetros ou valores predeterminados.

O mundo, pelo contrário, se apresenta a cada indivíduo como mecanismo, no fundo, incompreensível e indiferente. A absurdidade desse mecanismo culmina no fato de o destino final de toda pessoa ser o “não-ser”, isto é, a morte. Essa morte caracteriza-se pela ruína de tudo aquilo que uma pessoa construiu no decorrer da sua tentativa, de criar sentido.

Qualquer uma dessas tentativas, de antemão, está condenada ao fracasso, porque será aniquilada no fim da vida. Assim, a existência humana inteira se apresenta como busca absurda de um sentido que, de antemão, não existe.

2. O dilema da existência

A situação se agrava ainda mais pelo fato de o homem ter consciência de tudo isso. Ele está condenado a ser um ente consciente; e na sua consciência consciente, agora, se confronta com o seguinte dilema: ou acabar com a sua existência, ou dar a ela um sentido, apesar dela não ter um sentido em si. Nessa decisão, assim como no caminho de dar sentido à sua existência, cada pessoa deve ficar totalmente livre; ela até é “condenada” a ser livre.

Por outro lado, a pessoa vê-se rodeada por mil determinantes e circunstâncias. Sartre as denomina de “o em si”. É a realidade concreta da vida, os objetos que contornam e sufocam o homem, tudo aquilo que não é consciência e dentro do qual a pessoa está condenada a viver.

Toda essa “realidade” vai, progressivamente, impedindo ao homem a tomada de decisões realmente livres.

Na medida em que a pessoa se torna consciente desse fato, ela sente náusea.

3. O dilema entre a liberdade, Deus e a criação de sentido

No entanto, independentemente da sua náusea, permanece para o homem o fato da liberdade ser a sua precondição primordial, para que ele possa criar o seu próprio sentido.

Ao mesmo tempo, é essa liberdade também, a razão pela qual Deus não pode existir. Isso porque se esse Deus existisse, diz Sartre, seria ele o último parâmetro no qual o homem se basearia, para criar o seu sentido. Com isso, porém, essa criação não seria uma obra realmente livre. Essa liberdade, todavia, precisa ser preservada. Conseqüentemente, na concepção de Sartre, a liberdade do homem e a existência de Deus se excluem mutuamente.

Essa exclusão significa para o homem que ele se perde num círculo vicioso, onde não há saída. Isso porque, se Deus existisse, a vida do ser humano, de antemão, teria um sentido. Por outro lado, a pessoa não teria liberdade absoluta para criar o seu próprio sentido. Para que ela tenha essa liberdade, Sartre postula que Deus não pode existir. Mas, se Deus não existe, o homem, na sua livre criação de sentido, acaba se confrontando com a impossibilidade de achar aquilo que daria a ele um último sentido. É a consciência dessa contradição que provoca no ser humano a atitude de desespero e de náusea. A pessoa experimenta a finitude de uma existência, cujo último sentido seria o infinito, confrontando-se, ao mesmo tempo, com a consciência da impossibilidade de alcançar esse infinito. Essa tomada de consciência, por sua vez, cria a necessidade de achar um outro caminho. "Se Deus não existe, devemos decidir sozinhos o sentido do Ser."[5]

4. O homem é condenado a definir por si mesmo o sentido do seu ser

Agindo numa liberdade absoluta e não limitada por nenhum Deus, é o homem a única instância a definir aquilo que ele é. E aquilo que é só se define pelo existir desse homem. Este não está predefinido por uma "idéia", assim como a filosofia platônica o dizia. Em vez disso, o homem deve constantemente e livremente "projetar" aquilo que é e, sem esse "projetar", não é nada.

Sartre formula essa idéia de maneira muito clara no seu livro fundamental: O Existencialismo é um Humanismo.[6]

Ali podemos ler o seguinte:

> O homem é primeiro um projeto que se vê subjetivamente... nada existe antes desse projeto... e o homem será primeiro aquilo que haverá projetado ser... Se realmente a existência precede a essência, então o homem é responsável por aquilo que ele é.[7]

Sendo assim, o homem encontra nesse "projetar" o seu próprio sentido, e é nisso, também, que consiste a sua responsabilidade. No processo de "projetar", porém, a pessoa está totalmente sozinha. Não há Deus nenhum que ofereça apoio ou parâmetros de orientação.

Além disso, a responsabilidade humana não se limita à preocupação consigo mesma. Ela alcança uma dimensão social, que inclui também os outros. Dessa responsabilidade ampliada, surge a necessidade para um agir social dentro do mundo, do Estado e da vida política.

CONTINUAR A PENSAR

1. Se Deus não existisse, quais seriam os parâmetros a partir dos quais o homem pode achar o seu sentido?

2. Qual é a conseqüência, se cada indivíduo é obrigado a criar o seu próprio sentido?
3. Estabeleça relações entre o problema da náusea e o fato de que o homem deve morrer.
4. Qual é a conseqüência para a busca de sentido, se o homem é compreendido como um ser "condenado a ser livre"?
5. Estabeleça uma relação entre a responsabilidade do ser humano, seu agir e a sua busca de sentido.

3 Jean-Paul Sartre. *Existentialism and Humanism*, p. 1.
4 Op. cit., p. 1.
5 Jean-Paul Sartre. *Cahiers pour une morale*. Paris: 1983, p. 502.
6 Jean-Paul Sartre. *L'Existentialisme est un Humanisme*. Paris: ed. Nagel, 1970.
7 Jean-Paul Sartre, op. cit., p. 23/24.

A esperança de que haja sentido proporciona sentido, mesmo quando tal sentido não é percebido (Franz Kafka, 1883-1924)

Toda a obra do grande escritor Franz Kafka apresenta, na sua base, a situação do homem em busca de sentido. Ele erra sem orientação num universo que se apresenta fechado e absolutamente enigmático. E, na sua busca pelo caminho, se vê entregue às burocracias de uma engrenagem inexorável. Para tal engrenagem, o homem é reduzido a um mero número dentro de uma registratura ou a um caso anônimo a ser tratado. O mundo se apresenta como um labirinto repleto de armadilhas, no qual o indivíduo se prende sem ajuda e sem apoio algum. A pessoa é reduzida a um objeto a ser esmagado pelo sistema.

Franz Kafka

As personagens de Kafka refletem, assim, o desespero do homem que procura respostas diante de situações incompreensíveis e aparentemente absurdas. Mas as respostas não são encontradas. Em vez disso, permanece a ameaça de eventualmente descobrir que a existência, apesar de tudo, realmente é absurda.

É diante dessa situação aparentemente sem saída, que destaca-se aquilo que marca o pensamento de Kafka: a esperança, apesar de tudo.

– Apesar da aparente falta de saída;
– apesar da pergunta pelo sentido sempre ficar sem resposta;
– apesar da ameaça pelo desespero.

Apesar de tudo isso, existe sempre a esperança de que a absurdidade só seja “eventual” e de que a situação, supostamente sem saída, contenha a possibilidade de abrir-se para um novo futuro. O enigma insolúvel da existência humana, assim, nunca se torna elemento paralisador. Em vez disso, a pessoa permanece num constante estado de busca. Essa busca se manifesta na imagem literária como busca pelo caminho. As pessoas nunca o acham mas, apesar disso, sabem que ele existe ou pelo menos mantêm a esperança de que exista. É nesse

elemento de esperança que a obra de Kafka se distingue em muito das obras de Camus ou de Sartre.

Kafka mostra o desamparo do homem dentro de um mundo enigmático e incompreensível. As suas pessoas, porém, mesmo jogadas sem amparo num universo cheio de emboscadas, jamais abandonam a dimensão da esperança.

Elas a mantêm, mesmo que tal esperança, muitas vezes, nada mais seja do que "esperança desesperada" – mesmo que sempre seja frustrada e nunca se concretize. A esperança permanece e se mantém, "apesar de tudo".

De maneira exemplar, tal esperança desesperada que, apesar disso, não causa desespero, aparece na pequena narração intitulada Uma mensagem do Imperador.

> O imperador mandou pessoalmente uma mensagem a um dos seus súditos mais humildes. O mensageiro até já tinha se colocado a caminho. Ele carregava a mensagem, ele até se apressava para que chegasse o mais rápido possível ao seu destino. Mas, diante dele, se extendia a imensidão dos palácios. O mensageiro se esforça sem sucesso por percorrê-los. Mas as escadas se estendem sem fim diante dele, e os pátios, e depois dos pátios o segundo palácio que abarca o primeiro, e de novo escadas e pátios, e mais um palácio, e assim por diante através dos milênios. E quando, enfim, consegue libertar-se do labirinto da residência, nada foi ganho, porque agora há a infinidade das planícies a serem percorridas, de tal maneira que, apesar de todos os seus esforços, o seu percurso nunca, jamais chegará ao seu fim.
>
> O destinatário da mensagem, por sua vez, nem sabe que tal mensagem está a caminho. Mas ele a espera, e essa espera, por sua vez, é sem fim. Nunca a mensagem vai chegar. Apesar disso, porém, o homem fica sentado na janela e a espera quando o pôr do sol se aproxima.

A atitude de esperança, mostrada aqui pelo escritor Franz Kafka, é o primeiro passo para a superação daquele pessimismo subjacente que marca as concepções de Camus e de Sartre.

A esperança de Kafka não se revolta contra a ausência de sentido, assim como o faz o Sísifo de Camus, que acha nessa revolta a última possibilidade para superar a absurdidade da existência.

A esperança tampouco se esgota na constatação de que o homem está numa situação de "ser condenado à liberdade", sem resposta nenhuma diante da absurdidade da sua morte.

As figuras de Kafka permanecem numa atitude de esperança "apesar de tudo". Essa esperança não confirma a possibilidade de sentido, mas ela também não a nega, não a exclui. Dessa maneira, a obra do grande escritor da situação existencial do ser humano abre um primeiro caminho para manter pelo menos a esperança de que nenhuma vida é absurda. Permanece sempre a possibilidade de que possa haver sentido, mesmo que a pessoa não o conheça. Assim, a esperança sempre permanece viva, mantendo abertas eventuais perspectivas não conhecidas ainda.

CONTINUAR A PENSAR

1. Como Kafka apresenta a situação do homem dentro deste mundo?
2. Será que a maneira como Kafka descreve a situação existencial do homem tem algo a ver com a situação de muitas pessoas hoje?
3. Qual o elemento que distingue a obra de Kafka radicalmente das obras de Camus e de Sartre?
4. Como a obra reflete a problemática da busca pelo sentido?
5. Qual é o elemento-chave que mantém essa busca viva, apesar de tudo?
6. Como esse elemento se reflete na obra Uma Mensagem do Imperador?
7. Em que sentido aquela obra pode refletir a situação do homem moderno e a sua problemática na busca pelo sentido ?

O perigo de um “esquecimento do ser” como perigo de perder o sentido do ser (Martin Heidegger, 1889-1976)

Jean-Paul Sartre era aluno de Heidegger. Muitas das idéias formuladas por Sartre já se encontram de maneira mais abstrata na filosofia de Heidegger, sobretudo no seu livro fundamental: *O ser e o tempo*.

Um certo tempo, Heidegger erroneamente foi chamado de existencialista. No entanto, na realidade, o seu enfoque é aquele da Ontologia. O grande tema dele é a indagação pelo sentido do ser.

Para descobrir esse sentido, Heidegger começa a estudar “o ser do homem”. E esse “ser”, ele chama de “Dasein”, isto é, “o ser-aí”.

Heidegger

O “ser-aí” realiza-se sempre no mundo, de tal maneira que o homem pode ser compreendido como um “ser-no-mundo”. Sendo que o homem não tem a liberdade de existir fora deste mundo, Heidegger o denomina também como “um ser jogado no mundo”.

É no mundo que o homem realiza o seu ser, e é na realização desse seu ser, que se desvela aquilo que é o Ser.

Para que isso aconteça, a pessoa deve projetar-se na direção de potencialidades que no momento ainda não foram realizadas, mas que são potencialidades do futuro.

Assim, toda a sua vida torna-se um constante “pro-jacere”, um pro-jetar-se, rumo a possíveis realizações, um lançar-se para a frente. É dessa maneira que o homem realiza o seu ser. É assim que ele abre a possibilidade para o próprio Ser se manifestar.

No constante processo da realização das suas futuras potencialidades, o homem é ininterruptamente ameaçado pela possibilidade do não-ser. Ele pode parar de pro-jetar o seu existir. Ele pode parar no processo de autoconstruir-se e

contentar-se com aquilo que é. Assim, porém, ele entra numa atitude de “esquecimento do Ser”, na qual “perde o Ser”.

A tentação de existir assim é o grande perigo da época atual. Caso o homem sucumba a este impulso, ele começa a viver numa atitude de “esquecimento do ser”. Nesse esquecimento, vive uma “vida inautêntica”, perdendo o Ser entre os entes.

Vida inautêntica, porém, significa aproximar-se do Nada.

O homem é constantemente ameaçado pelo nada. Existe o perigo dele perder-se entre os entes. Mas há também um mecanismo inerente à própria existência: mesmo quando o homem se projeta para realizar o seu ser, as possibilidades da existência se reduzem no decorrer do tempo. A vida chega inexoravelmente a uma situação de negação progressiva de possibilidades. O homem é “um-ser-para-a-morte”. O ponto final do processo do seu existir é a morte, frente à qual não há mais escolha nenhuma. A morte se torna, assim, a maneira mais radical da ameaça pelo não-ser. No confronto com a morte se revela a situação paradoxal do homem, aquilo que Camus e Sartre chamam de absurdo.

Contra esse absurdo e para achar o sentido de seu ser, o homem deve realizar projetos. Realizando tais projetos, porém, ele aproxima-se inexoravelmente de um estado, no qual está impedido de viver qualquer projeto: esse estado é a sua própria morte.

Morte significa “não-ser”; e evitar esse “não-ser” é a grande tarefa do homem. Mas, apesar de todo o seu esforço, o processo existencial de evitar o não-ser está necessariamente condenado a fracassar.

No decorrer do processo existencial da vida, a liberdade da escolha diminui e, na morte, ela finalmente desaparece. A consciência dessa contradição existencial provoca no homem aquilo que Heidegger chama de angústia existencial. É essa angústia que o confronta com a possibilidade do Nada. Esse Nada como possibilidade ameaçadora está presente não só no existir de todo ser humano, mas também no mundo.

Todavia, a mesma angústia que conscientiza o homem quanto à sua situação existencial de desabrigo, de ser “jogado no nada”, é também capaz de provocar uma abertura para o Ser. Essa abertura possibilita transcender tudo aquilo que simplesmente é, de tal maneira que o homem, como através de um véu, descobre o Ser. Dessa maneira, é capaz de achar o sentido da sua existência.

CONTINUAR A PENSAR

1. Qual é a indagação-chave de Heidegger?
2. O que Heidegger quer dizer quando denomina o homem como “um ser jogado no mundo”?
3. O que, na concepção de Heidegger, significa o termo “fazer projetos”?
4. De que maneira o “fazer projetos” está relacionado com a questão do sentido do homem ?

5. Qual é a ameaça existencial à qual o homem está sujeito?
6. Quais seriam as conseqüências se ele sucumbisse a essa ameaça?
7. Por que não é possível escapar da “angústia existencial”?
8. Como, numa tal situação, é possível achar o seu sentido?

Achar sentido, mesmo sendo confrontado com o problema da morte

O pensamento de Heidegger, da mesma maneira como aquele de Camus e de Sartre, gira sempre em torno de um fato que ninguém pode negar: nossa morte.

Como é que se pode achar sentido no existir de um ente, cujo existir inexoravelmente termina com a morte? É esse um dos grandes temas da filosofia ontológica e existencial.

A morte torna-se o motivo mais forte para a indagação pelo sentido da vida, porque é exatamente essa morte que parece negar esse sentido.

Mas o ser humano é um ser em busca de sentido. E, além disso, é um ser que sempre aspira por uma existência plena e realizada. Como, porém, achar sentido nesta vida se o existir, na experiência da morte, está inexoravelmente confrontado com a aniquilação desse existir?

É diante desse paradoxo que Camus e Sartre compreenderam a existência humana como algo absurdo no seu cerne.

Em Heidegger, porém, encontramos uma possibilidade de “transcender” tal absurdidade. O caminho para isso começa com aquilo que ele chama “a des-coberta do Ser”. Tal expressão, para muitos, parece ser abstrata demais, sobretudo porque esse “des-cobrir do Ser”, do qual Heidegger fala, não tem em primeiro lugar o objetivo de responder à indagação sobre o sentido da morte.

No entanto, na medida em que o objetivo não é “des-cobrir o Ser”, mas buscar respostas sobre a questão do sentido da existência humana, a indagação sobre o sentido da morte torna-se absolutamente primordial:

⇒ Será que uma existência que inevitavelmente está condenada à morte pode ter sentido?

⇒ Será que a morte realmente aniquila tudo aquilo que uma pessoa, no decorrer da sua vida, construiu, a ponto de tudo recair ao nada?

Se fosse assim, a morte, de fato, seria a aniquilação total e, com isso, o triunfo do nada sobre o Ser. Nesse caso, até se poderia admitir que o existencialismo ateu tinha razão, ao dizer que a existência humana, no fundo, é desprovida de qualquer sentido inerente.

Contra essa visão pessimista existe, no decorrer de toda a história humana, o fato de os homens não aceitarem que a morte realmente seja aquela aniquilação total. Em vez disso, aceita-se a possibilidade da vida continuar além da morte.

Assim, a questão do sentido da vida pode ser respondida a partir de um outro enfoque. Pode-se admitir que a vida do homem tem um último sentido, que até

ultrapassa a vida individual.

No entanto, essa concepção vai além daquilo que se pode provar por caminhos puramente empíricos. Ela evoca a indagação sobre quem pode garantir a vida além da morte, e com isso a não-absurdidade da existência humana.

Dessa maneira, se abre um outro ciclo temático, indissoluvelmente associado às temáticas do sentido e da morte: trata-se da indagação sobre a existência de Deus.

Em geral, toda discussão sobre o sentido e a morte choca-se com duas alternativas, entre as quais as pessoas devem escolher:

> • A primeira possibilidade é que se aceite a existência de um Deus que garante a imortalidade da pessoa. Assim, pode-se sustentar que o homem tem um sentido que ultrapassa a morte e que não pode ser aniquilado por ela. Essa suposição rompe o horizonte finito do puramente humano. Ela se abre para uma dimensão absoluta. No seu centro há, pelo menos no contexto cristão, a confiança num Ser Divino, que ama a pessoa humana. Esse Deus é capaz de superar a morte. Ele quer que o homem exista para sempre junto dele. Na base dessa confiança, abrem-se novas e inovativas possibilidades para achar sentido, sobretudo diante da morte.
> • A segunda possibilidade é negar ou excluir a existência de Deus. Com isso, põe-se a necessidade de construir sentido dentro das dimensões finitas deste mundo fechado e muitas vezes incompreensível. À medida que se compreende a morte como última fronteira e aniquilação total de tudo aquilo que o homem é e daquilo que fez, poderia parecer plausível a resposta do existencialismo ateu: a vida é absurda.

Mas será que a alternativa sobre sentido ou não-sentido da existência humana realmente deve ser restringida a estas duas possibilidades: imortalidade ou absurdidade?

É claro que não.

Já com Heidegger e aquilo que dele foi apresentado no capítulo anterior, se abre a possibilidade de compreender o ser humano e a sua morte a partir de um outro ângulo: o homem é um ser que essencialmente “está no caminho”.

Essa perspectiva vale independentemente de se aceitar ou de se negar a continuação da vida após da morte. Se o homem é essencialmente um ser “no caminho”, então é no percorrer desse caminho que pode consistir o seu sentido de existir. É nesse “percorrer”, também, que se abre a possibilidade de achar sentido. Tal sentido, primordialmente, não depende da possibilidade de existir depois da morte um mundo que ultrapassa o mundo empírico.

Também uma pessoa que não acredita numa dimensão do além pode compreender a existência como algo que se apresenta repleto de sentido. Esse sentido pode ser alcançado à medida que se desdobram de maneira plena todas as dimensões daquilo que significa “ser homem”. O lugar para esse desdobramento, porém, é o caminho percorrido no decorrer da vida.

Nesse caminho, a pessoa, passo a passo, retira a cobertura que encobre,

oculta ou esconde o verdadeiro Ser. Ela, passo a passo, des-cobre também as suas potencialidades, des-cobre aquilo que é e, finalmente, descobre o Ser, bem no sentido como Martin Heidegger o pensou. Nesse processo, finalmente, a pessoa também des-cobre aquilo que é o sentido da sua própria existência.

O enfoque das reflexões sobre o sentido volta assim à sua origem. Ela torna-se reflexão sobre aquilo que o ser humano é, seja para si-mesmo, seja para o outro ou seja para o mundo, para a História e até para o cosmo.

CONTINUAR A PENSAR

1. Por que o fato de o homem morrer é um constante desafio para a questão do sentido da vida?
2. A partir do significado da própria palavra “des-cobrir” o Ser, tente falar sobre alguns elementos daquilo que poderia ser chamado de “transcender a absurdidade da morte”.
3. Por que a aceitação de uma vida após a morte pode resolver o problema da absurdidade da existência?
4. Qual é a conseqüência impossível de ser evitada quando estamos diante do fato de que as pessoas morrem?
5. Como se pode achar sentido na vida, independentemente do fato de a vida continuar ou não após a morte?
6. Des-cobrir aquilo que significa “ser humano”possibilita achar sentido na vida?
7. Em que sentido o fato de o homem estar “no caminho” é essencial para o des-cobrir de si mesmo, do mundo e do Ser?
8. Em que sentido o ser humano ultrapassa a dimensão individual e alcança um significado social, mundial e até cósmico?

Achar sentido diante do risco de fracassar ou de se tornar culpado
(Ludwig Binswanger, 1881-1966,e Medard Boss, 1903-1990)

A filosofia de Martin Heidegger deu impulsos essenciais para a formação da assim chamada *Antropologia fenomenológica*. Esta foi desenvolvida sobretudo por Ludwig Binswanger e na sua vertente psicológica, pela *Análise da existência* de Medard Boss.

Ludwig Binswanger

Medard Boss

Como ponto de partida de toda a reflexão, encontramos neles o pressuposto de que toda pessoa humana, no decorrer da sua vida, deve necessariamente desdobrar o seu ser-homem. Fazendo isso, ela encontrará o seu sentido mas, para esse desdobramento, precisa de liberdade.

Na sociedade atual, porém, o espaço de liberdade é muito maior do que era em todas as épocas do passado. Não há mais os parâmetros muitas vezes inexoráveis da tradição, nem da religião. Na pós-modernidade, as autoridades historicamente aceitas perderam a sua onipotência. As suas leis e regras foram relativizadas e as suas normas deixaram de ser consideradas imutáveis. Com isso, aumentou muito o espaço da liberdade do indivíduo. Mas, ao mesmo tempo, aumentou também a necessidade de continuamente *tomar decisões* pessoais. Enquanto que, no passado, estas decisões por grande parte eram predeterminadas pelos valores da tradição e do costume. Hoje, o homem deve tomá-las sozinho. Ele encontra-se naquela situação de solidão existencial, da qual Jean-Paul Sartre fala. A conseqüência desta nova situação é o *aumento assustador das possibilidades de errar*. Os antigos parâmetros que deram segurança desapareceram e a pessoa está sentindo cada vez mais a sua insegurança diante das exigências da vida.

Numa noção heideggeriana, pode-se dizer que o homem, nesta vida e nesta sociedade, perdeu o seu amparo. A sua situação existencial é aquela do *desamparo* e esse desamparo causa nele uma *angústia existencial*.

Ali, porém, onde a pessoa sente tal angústia, formula-se com urgência a indagação pelo sentido.

Tal indagação ganha mais vigor ainda pelo fato de o homem, repetidamente, fazer as seguintes experiências:

⇒ Nas suas decisões, ele realmente comete erros.

⇒ Para não cometer erros, ele não assume o risco de tomar decisões, mas desta forma não realiza projetos que seria capaz de realizar.

A conseqüência de tal fato é uma inevitável e crescente *culpabilidade existencial*.

Tal culpabilidade é inevitável, porque nunca o homem é capaz de realizar tudo aquilo que imaginou ser possível. Ele sempre deve *escolher* e *cada escolha significa realizar um projeto mas, ao mesmo tempo, significa eliminar tantos e tantos outros projetos, que também imaginou serem possíveis de ser realizados*.

A partir da escolha por um certo caminho, todos os outros caminhos, que também pareciam possíveis, são condenados ao não-ser. Assim, o homem, em termos existenciais, torna-se culpável por todas as possibilidades não realizadas.

Se o homem, por outro lado, renuncia a escolher, ou caso deixe os outros escolherem por ele, esse homem não realiza o seu ser. Ele vive uma vida inautêntica, e com isso se aproxima do não-ser. Assim, porém, também se torna culpável em termos existenciais.

A conseqüência dessa culpabilidade existencial inevitável é, outra vez, a angústia existencial. Nenhuma pessoa humana é capaz de escapar dela. A grande questão então é: como o homem reage diante dessa situação.

É possível interpretá-la como fenômeno puramente negativo e tentar eliminá-la, esquecendo-a ou sufocando-a. Essa atitude, no entanto, só conduz em direção a uma vida inautêntica.

Par evitar esse perigo, é melhor compreender a situação da culpabilidade existencial e da sua subseqüente angústia como apelo positivo para assumir a vida e buscar nela o seu sentido. Diante das possibilidades de fracassar e diante da culpabilidade de não ter realizado todas as possibilidades, o homem tem que ter a coragem de assumir as suas decisões e com isso assumir a sua culpabilidade como algo que faz parte da vida. A angústia por ela provocada, assim, torna-se apelo para buscar em cada ocasião e em cada hora, o sentido nela escondido. Deixando-se envolver nessa busca, o homem é capaz de superar o seu egocentrismo e de abrir-se diante do apelo do mundo. Ele se abre para fora de si

mesmo. Ele assume a responsabilidade frente aos fenômenos do mundo e também diante das pessoas à sua volta. Assim, em vez de girar num círculo cada vez mais neurótico em torno de si, a pessoa humana é capaz de encontrar o sentido da sua própria existência.

CONTINUAR A PENSAR

1. O que a noção "desdobrar o ser-homem" poderia implicar?
2. Por que precisa-se de liberdade para poder desdobrar o seu ser-homem?
3. Na sociedade pós-moderna, as possibilidades de ter liberdade aumentaram muito. Em que sentido, esse fato também dificulta o descobrir daquilo que é o ser-humano?
4. Por que, na situação atual, o homem pode perder o seu amparo e sentir uma angústia existencial?
5. Por que é impossível escapar à sua culpabilidade existencial?
6. Qual é a conseqüência quando o homem não aceita sua culpabilidade existencial e a sufoca?
7. O que significa assumir a sua culpabilidade existencial?
8. Como a atitude de assumir a sua culpabilidade existencial abre à pessoa caminhos para ela achar o seu sentido?
9. Como a atitude de assumir a sua angústia existencial abre à pessoa caminhos para ela achar o seu sentido?

Transcender a dimensão puramente animal, para tornar-se plenamente humano (Max Scheler, 1874-1928, e Arnold Gehlen, 1904-1976)

O tema-chave da reflexão filosófica de Max Scheler encontra-se resumido no título daquela obra que ele escreveu pouco antes da sua morte: A posição do homem no cosmo (1928).

Max Scheler

Nessa obra, Scheler mostra que o homem possui dentro do cosmo uma "posição metafísica especial". A característica-chave dessa posição consiste no fato dele ser uma pessoa e, como tal, possuir um espírito. É esse espírito que o capacita a superar as predeterminações do instinto. Sendo um ser com espírito, o homem não está sujeito nem aos seus instintos nem ao seu meio ambiente. Ele, pelo contrário, é capaz de negar-se ao ditado dessas forças, podendo dizer "não", ali onde o animal simplesmente está predeterminado.

Scheler descreve essa característica-chave do homem da seguinte maneira:

> *O novo princípio se situa fora de tudo aquilo que podemos chamar de "vida"... O que unicamente faz o homem ser homem, não é um novo degrau da vida, muito menos só um degrau de uma única manifestação dessa vida, da "Psiché", é muito mais um princípio em tudo oposto à vida... um verdadeiro novo fato essencial, que como tal não pode ser reduzido ao nível de uma "evolução natural da vida".*

O princípio específico, chamado de "Espírito", é caracterizado da seguinte maneira:

> *Caso coloquemos no topo da noção de "espírito" a sua específica capacidade cognitiva... podemos dizer que o elemento específico de todo ser espiritual... é a sua não ligação existencial ao orgânico; a sua liberdade... da pressão, da dependência do orgânico... também da sua própria inteligência instintiva... Um ser com espírito não mais está atado aos seus instintos e ao seu ambiente, mas, pelo contrário, é livre desse ambiente e... aberto para o mundo.*[8]

Para Scheler, e também para Helmut Plessner, o específico do ser humano não pode ser compreendido a partir da sua capacidade de conhecer, assim como a filosofia grega o compreendeu. Tão pouco é a autoconsciência que faz o específico do homem. Aquilo que o distingue de todo animal é o fato *de o*

homem ter espírito e, com isso, a capacidade de agir contra os seus próprios instintos.

Scheler fala do homem como de alguém *capaz de dizer não*. Ser homem significa ser *protestante contra toda pura realidade*.[9]

A tarefa desse homem se deduz, conseqüentemente, a partir dessa capacidade de opor-se àquilo que pode ser chamado de natureza bruta. A sua tarefa neste mundo é a colaboração na transpenetração dos dois princípios, da natureza e do espírito.

Em cima dessa argumentação de Scheler, é possível voltar outra vez à questão do sentido.

Podemos dizer que o homem alcança o seu sentido à medida que realiza aquilo que ele mesmo é.

No entanto, se o específico do homem é a sua capacidade de negar-se às exigências dos instintos e do meio ambiente, encontramos exatamente em cima dessa definição uma resposta para o nosso problema. Ela pode ser formulada assim:

O homem alcança o seu sentido à medida que se torna capaz de agir em liberdade, sem ser determinado pelos instintos ou pelo meio ambiente.

A partir da constatação de que o meio ambiente do homem pós-moderno não é somente o contexto climático-geográfico, mas também o seu contexto sócio-econômico-cultural, com todos os seus mecanismos interativos, se abrem aqui perspectivas muito interessantes para os dias de hoje. São perspectivas que devem levar em consideração tanto as tentativas manipulatórias da indústria da propaganda, quanto as pressões abertas ou escondidas de todo sistema ideológico, político e econômico.

Todavia, a grande indagação permanece esta: Como este "animal não predeterminado" que é o homem será capaz de realizar a sua liberdade? Uma pista para a resposta encontramos na filosofia de Arnold Gehlen.

Arnold Gehlen

A obra-chave dele, não por acaso, chama-se *O homem, sua natureza e sua posição no mundo* (1940). Nessa obra, Gehlen apresenta o homem como *um ser*

deficiente por natureza.

Mas é exatamente essa deficiência em comparação aos animais, ou seja, o fato de não ser totalmente especializado, que permite ao homem abrir-se ao mundo. Não sendo determinado por esse mundo e também não especializado de tal maneira que só consiga viver num mundo específico, o homem é capaz de estar aberto ao mundo. Ele, pelo seu agir, é capaz de subjugar esse mundo. Assim, é ele que transforma a natureza, de tal maneira que possa viver nela. O homem cria cultura e usa a técnica, dominando assim a pura natureza, conforme a sua vontade.

Entretanto, novamente, é exatamente essa liberdade que o põe em perigo. Não sendo determinado pelos instintos, o homem constantemente corre o perigo de deixar-se seduzir por esses instintos ou pelo seu contexto socioambiental.

Diante dessa situação, é interessante fechar o círculo e voltar àquilo que Max Scheler formulou: o homem é capaz de dizer "não".

É talvez na realização dessa sua capacidade de dizer "não", frente às seduções que o rodeiam, que o homem realiza aquilo que ele realmente é: um ser que tem a liberdade de dizer "não".

Realizando essa liberdade, contra todo e qualquer perigo de ser manipulado ou dominado, o homem acharia o seu sentido.

CONTINUAR A PENSAR

1. Qual é, conforme Max Scheler, a especialidade que distingue o homem fundamentalmente do animal?
2. Qual é a conseqüência de o homem ser "um protestante contra toda pura realidade"?
3. Como o homem, dentro da perspectiva de Scheler, alcança o seu sentido?
4. Qual é o papel da liberdade no processo da busca pelo sentido?
5. Qual é, conforme Arnold Gehlen, a conseqüência do fato de o homem, em relação ao animal, apresentar-se como ser deficiente e não especializado?
6. Qual é o papel da liberdade?
7. Qual é a correlação entre a liberdade e o caminho de achar o seu sentido?
8. Em que medida esse caminho é ameaçado pela ideologia da sociedade de consumo e da propaganda?

8 Cf.: Max Scheler. *Die Stellung des Menschen im Kosmos*. Bern-München: Francke, 1975, p. 36-39.
9 Cf.: ibid, p. 37.
- também: Max Scheler. *Späte Schriften*: *Die Formen des Wissens und die Bildung*. Bern, 1976, p. 99.

O homem, um ser em constante busca pelo seu sentido (Viktor Frankl, 1905-1997)

Nunca, diz Viktor Frankl, um animal perguntou se a sua vida tem sentido.[10] Por outro lado, é exatamente a indagação sobre o sentido da vida que demostra o específico daquilo que é o ser humano. Conforme Frankl, "o homem é um ser em constante busca de sentido".[11] À medida que o descobre, ele se torna feliz – à medida, porém, que não o encontra, começa aquilo que Frankl chama de "o sofrimento por causa de uma vida sem sentido".[12] Nesse sofrimento revela-se o verdadeiro ser daquilo que é a pessoa humana. É só ela que formula indagações sobre o sentido da sua vida. Ela, além disso, até pode negar que tal sentido exista. No entanto, essa negação e a subseqüente perda de sentido da sua própria vida jogam o ser humano num vácuo existencial sem precedentes.

Victor Frankl

É exatamente esse vácuo sem sentido que hoje ameaça uma faixa considerável dos integrantes das sociedades pós-modernas. Nas ofertas advindas da indústria de consumo, a busca pelo sentido é substituída pelas promessas do prazer. Diante delas e diante de todos aqueles que propagam a idéia de que o último objetivo da existência humana é a busca pelo prazer, Viktor Frankl lembra com insistência uma outra verdade: "Não é a vontade pelo poder nem a vontade pelo prazer, mas a vontade pelo sentido"[13] que caracteriza a existência humana.

Frankl continua insistindo que "quanto mais o homem busca unicamente o prazer, tanto mais ele vai perder esse prazer"[14] e começar a viver progressivamente dentro de um "vácuo existencial".[15] Como conseqüência dessa situação, pode-se constatar o surgimento de uma verdadeira "neurose da perda de sentido", que amedronta a vivência do homem moderno.

Diante dessa neurose e diante das frustrações existenciais que ameaçam um número cada vez maior de pessoas, Frankl propaga a necessidade do homem novamente erguer-se e partir em busca de seu sentido. Esse sentido, no entanto, "não pode ser dado, mas deve ser buscado"[16] dentro das situações, com as quais as pessoas são confrontadas. É nelas que se podem descobrir novas possibilidades a serem realizadas e cuja realização promova sentido. Esse sentido sempre é "o sentido concreto de uma situação concreta… Todo dia e toda

hora oferece assim um novo sentido e para cada pessoa há um outro sentido que a espera”.[17]

Por detrás dessa convicção encontra-se a profunda verdade, já formulada no século XIX pelo poeta Hebbel: “A vida nunca é algo, mas sempre *a ocasião para algo*”.

Não deixando passar essas ocasiões, mas aproveitando-se delas de maneira consciente, realiza-se o primeiro passo para dar sentido à sua vida. Mas esse sentido não se acha de graça; ele, muito pelo contrário, é *a conseqüência da opção consciente de buscar sentido e de criar sentido nas ocasiões oferecidas pela vida*.

Isso porque, na realidade, é assim que o sentido de qualquer situação já de antemão encontra-se presente como potencialidade. O homem não pode produzir o sentido contido nela, ele só é capaz de achá-lo. Ele *descobre o sentido encoberto*. Nessa descoberta, ele é guiado por um “órgão” específico: sua consciência. Ela o conduz na busca de sentido. Essa busca, todavia, sempre contém um perigo. É o perigo de enganar-se e o risco de perder o sentido, contido na situação concreta.

Frente a esse risco, é essencial a conscientização de que não há circunstância nenhuma que não contivesse algum sentido.

Isso vale, sobretudo, para aquelas ocorrências que, em geral, qualificamos de negativas, assim como sofrimento, culpa e morte. Também nessas situações de limite é possível achar um sentido, porque o homem é capaz de transformar até circunstâncias negativas em situações de êxito, descobrindo nelas possibilidades de sentido para si mesmo.

A partir dessa perspectiva, Frankl mostra três linhas mestras, segundo as quais cada pessoa pode achar o seu sentido.

⇒ A vida tem sentido, à medida que se concretiza alguma obra útil para algo ou que tenha serventia a uma pessoa. Agindo assim, o homem realiza o seu sentido.

⇒ Sentido se acha fazendo experiências em dedicar-se a servir a uma causa ou a uma pessoa. Em última análise, essa dedicação chama-se amor.

⇒ Sentido se acha também no confronto com um destino impossível de ser mudado. Esse destino pode ser uma doença incurável, uma morte ou uma catástrofe da natureza. Na medida em que o homem, nestas situações de limite, não se deixa quebrar, até nelas pode achar sentido.

Toda a problemática do sentido revela, assim, estar profundamente interligada com a vontade pelo sentido. Essa vontade é encontrada como potencialidade em cada ser humano, mas ela depende diretamente da

determinação consciente da pessoa. É só pela decisão concreta da pessoa que a potencialidade se torna atitude definida.

Baseado nesse fato, Frankl formula a seguinte exigência ao homem de hoje: a busca pelo sentido deve tornar-se *opção fundamental*; ela necessariamente inclui a atitude do *querer achar sentido*.

A partir desses pressupostos, o problema do homem contemporâneo pode ser descrito nos seguintes termos: é ele mesmo que, numa situação concreta, deve descobrir o seu próprio sentido. Essa descoberta, às vezes, não é muito fácil. Um número cada vez maior de pessoas nem mais tenta descobri-lo e outras pessoas desistem depois de poucas tentativas.

Ali, porém, onde desaparece a vontade pela busca do sentido, esta é substituida pela vontade pelo prazer. A vontade pode intensificar-se tanto, a ponto de transformar-se numa verdadeira cobiça pelo prazer. Ela obriga a pessoa a buscar cada vez mais ocasiões para satisfazer a sua necessidade de prazer.

Assim, inicia-se um círculo vicioso, incentivado ainda mais pela propaganda que marca a sociedade atual de consumo. Esta promete ao homem, numa situação de vácuo existencial, a superação de todas as suas frustrações e a resposta ao seu vazio. Mas o caminho para a realização dessas promessas sempre passa pela compra de produtos ou pelo menos de um certo produto específico.

A partir do momento em que a pessoa entra nesse trilho, o seu vácuo existencial só começa a aumentar. O produto comprado, depois de pouco tempo, não satisfaz mais. A expectativa de conseguir o prazer visado é frustrada, e essa frustração, por sua vez, faz crescer o vácuo existencial. Para encobrir tal mecanismo negativo, a propaganda propõe novas compras. Mas estas, por sua vez, só aumentam a frustração, porque nenhum produto é capaz de satisfazer definitivamente o desejo pela felicidade, que forma a base de toda a busca pelo prazer.

O problema é que as pessoas não conscientizadas sobre esses mecanismos, enredam-se progressivamente em círculos viciosos sem fim. Elas correm em ritmo cada vez mais desenfreado atrás de promessas de prazer – mas todas as promessas, continuamente, se revelam como mentiras e todas as expectativas de encontrar a felicidade definitiva se revelam como ilusões.

Conhecer o mecanismo que acaba de ser descrito pode ser o primeiro passo na busca do verdadeiro sentido da vida.

Resistir à tentação de possuir cada vez mais produtos e aceitar o seu desejo de sentido como elemento existencial daquilo que é o ser humano possibilitam recuperar o verdadeiro valor do homem. Ele é, por natureza, um “prospector de

sentido", contra toda uma sociedade que quer fazer dele nada mais do que um consumidor.

CONTINUAR A PENSAR

1. Quais são as indagações típicas do ser humano que o distinguem fundamentalmente de todo animal?
2. Por que o homem corre o perigo de cair num "vácuo existencial"?
3. O que a "neurose da perda de sentido" tem a ver com a sociedade pós-industrial?
4. O que significa: o sentido sempre é "o sentido concreto de uma situação concreta"?
5. Explique a seguinte sentença e busque exemplos na sua própria vida: "sentido é a conseqüência da opção consciente de achar sentido e criar sentido nas ocasiões oferecidas pela vida".
6. Quais são, conforme Frankl, as três linhas mestras a partir das quais o homem pode achar o seu sentido?
7. Por que a busca de sentido inclui uma atitude do "querer achar sentido"?
8. Qual é o problema do homem de hoje em relação à busca de sentido?
9. Comente o perigo de confundir a "busca de sentido" com a "busca de prazer".

10 Cf.: Viktor Frankl. *Der Mensch vor der Frage nach dem Sinn*. Zürich: 1979, p. 46.
11 Cf.: Viktor Frankl. *Die Sinnfrage in der Psychotherapie*. Zürich-München: ed. Piper, 1981, p. 59.
12 Cf.:Ibid.
13 Victor E. Frankl. *Der Mensch vor der Frage nach dem Sinn*. München: ed. Piper, 1979, p. 101.
14 Ibid.
15 Ibid., p. 159.
16 Ibid., p. 155.
17 Ibid., p. 157.

A liberdade e as tentações das ofertas de pseudo-sentido

Grande parte dos mecanismos da atual sociedade pós-moderna não pressupõe como destinatários pessoas que vivem conscientemente a sua liberdade, achando assim o sentido da sua vida.

Quem achou o sentido da sua vida não está mais frustrado. Quem descobriu o rumo de sua existência tornou-se feliz. Mas pessoas felizes não podem ser convencidas de que precisam comprar cada vez mais produtos; que necessitam de novas roupas, de novos carros, de televisores maiores, de panelas mais sofisticadas e de papel higiênico perfumado. No entanto, a propaganda cria exatamente essas necessidades artificiais e promete que a sua satisfação trará felicidade e sentido para a vida.

Pessoas felizes resistem às tentações de um sistema, cujo objetivo único é vender; vender cada vez mais, para assim garantir o crescimento econômico, para maximizar o lucro e aumentar o fluxo de dinheiro, de tal maneira que o comprador finalmente até esquece a razão pela qual comprou. A compra torna-se o fim em si, e cada um que não compra, pode ser chamado de a-social.

Para que esse sistema funcione, os seus integrantes devem ser mantidos num constante estado de frustração. A esses frustrados, promete-se o alcance da felicidade através do ato da compra. Promete-se a eliminação das frustrações através da posse de cada vez mais produtos. Ao mesmo tempo, porém, o grau da sua frustração é aumentado mostrando a eles, por meio de um sistema sofisticado de propaganda, tudo aquilo que ainda não possuem e que também devem possuir para ser felizes. À medida que nunca se pode comprar tudo aquilo que é oferecido, o grau de frustração aumenta.

Quanto mais frustradas as pessoas se tornam, mais elas compram. Dessa maneira, a ciranda torna-se infinita, porque uma vez comprado o produto, já se oferece o próximo, melhor e mais sofisticado e, através da posse dele, promete-se maior felicidade ainda. Assim, as pessoas compram, consomem e correm atrás do dinheiro necessário para poder comprar mais. E quanto mais correm, tanto mais frustradas ficam, até que esse círculo vicioso finalmente conduz ao colapso não do sistema, mas da pessoa.

Para quebrar os mecanismos desse sistema, deve-se primeiro conhecer o funcionamento dele. Para que seja possível perceber a falsidade das promessas, é necessário conscientizar-se sobre os verdadeiros objetivos atrás dos mecanismos de sedução. No seu centro, há a promessa da felicidade para aqueles que fazem parte do sistema, isto é, para os incluídos. São eles que aceitam as propostas

consumistas.

Na sua base, pode-se observar a criação de todo um mecanismo de inversão, através do qual se fazem esquecer os verdadeiros valores, substituindo-os por outros, falsos.

E no seu eixo principal, finalmente, consta a tentativa bem-sucedida de preencher o anseio pelo sentido, por meio de respostas que prometem saciar tal anseio mas que, na realidade, só se aproveitam dele para lucrar.

Enquanto as pessoas não percebem esses mecanismos, ficam presas dentro do sistema.

Tornando-se conscientes, porém, começam a dar os primeiros passos rumo à sua libertação. É essa libertação que abre o caminho para achar o sentido da sua vida. Na atual sociedade de consumo, o primeiro passo nessa direção é a recuperação da capacidade de conviver com frustrações.

1. Aprender a conviver com as nossas frustrações

A libertação do sistema acima descrito começa por um caminho que, à primeira vista, parece paradoxal. Ela se inicia com a conscientização de que existem em nós desejos e anseios, aos quais a indústria de consumo não pode responder. Aos quais, aliás, nenhuma indústria de prazer conseguirá responder.

Ela continua, depois, com a aceitação perante si-mesmo de que ter anseios e desejos não satisfeitos é legítimo e normal. Esses desejos não satisfeitos e as suas subseqüentes frustrações fazem parte do ser humano. Eles constituem o seu modo de ser.

A espécie humana conseguiu sobreviver por ser capaz de suportar frustrações e de continuar a viver apesar delas. Mas, mesmo que muitos dos seus desejos nunca possam ser satisfeitos, o homem continua sendo marcado por um profundo anseio pela felicidade. O homem, por natureza, é um sonhador de algo que o transcende; de algo que vai além de todas as suas limitações.

Por causa dessa sua tendência rumo ao transcendente, ele, durante toda a sua vida, permanece num estado de insatisfação. Descobrimos, assim, o fato paradoxal de que o estado de frustração, por assim dizer, faz parte do estado natural de cada um de nós.

Se queremos tornar-nos felizes, primeiro, devemos reconhecer que a felicidade plena não pode ser alcançada. Por causa disso, devemos aceitar que vivemos frustrados.

Devemos aprender a viver com as nossas frustrações.

Vou mais longe ainda: devemos aprender a compreender as nossas frustrações como algo positivo. Como algo natural. Como algo que faz parte da nossa

condição de vida.

Ninguém gosta de ser frustrado mas, apesar disso, estaremos sempre frustrados. Podemos até dizer que ser frustrado é a condição natural do ser humano, porque nunca em sua vida o homem é capaz de alcançar aquilo que permanece o seu último anseio: a felicidade plena, a realização ilimitada, uma vida em plenitude.

Reconhecer tal fato é o caminho através do qual nós nos libertamos da ditadura da busca constante pelo prazer. É possível viver não sentindo prazer ininterruptamente. Somos capazes de viver sem prazer!

Essa afirmação, em nada, quer sustentar aquela antiga ideologia religiosa, conforme a qual o homem deve sofrer e viver privações. Nada disso! Todo homem deve ser feliz e tem o direito de ser feliz!

Mas, numa sociedade como a nossa, que absolutizou a ideologia do prazer e do bem-estar, é necessário lembrar que o homem, por outro lado, também é capaz de suportar uma dose bastante alta de dor e de frustrações. E, suportando tais situações, ele não quebra. Em vez disso, até passando por tais experiências negativas, pode crescer como pessoa e como indivíduo.

Estamos, assim, confrontados com a verdade incômoda e paradoxal de que, suportando dor e passando por frustrações, nós nos tornamos pessoas mais desenvolvidas e indivíduos mais ricos.

Ampliando essa perspectiva, podemos dizer que de certa maneira precisamos de crises, para tornar-nos pessoas humanas realmente desenvolvidas. Passar por crises faz parte daquilo que é ser humano; e não querer enfrentar crises conduz a pessoa a uma situação de perda da sua essência.

Com essa afirmação, estamos na contramão de tudo aquilo que propaga a ideologia da atual sociedade de consumo e de prazer. Principalmente por isso é importante que a filosofia conscientize de novo sobre tal fato.

Numa sociedade programada para evitar toda e qualquer dor, numa sociedade educada para buscar prazer a todo preço, devemos de novo recuperar a consciência sobre uma das verdades fundamentais da existência humana: a dor faz parte da vida e, conseqüentemente, faz também parte da busca de sentido desta vida.

2. Suportar a dor, em vez de deixar-se anestesiar

A concepção acima apresentada contradiz toda a mentalidade da nossa época. O tempo atual, talvez como nunca antes, está marcado por uma mentalidade que poderia ser denominada de “mentalidade de anestesia”. Vivemos numa época em que a dor não pode mais existir. Quando ela aparece, ela é anestesiada, de tal

maneira que vivemos numa verdadeira cultura de anestéticos. No momento, quando sentimos alguma dor, essa dor deve ser suprimida. Isso começa com a dor de cabeça e com a injeção para evitar a dor provocada pelo tratamento dentário. Para que aquela injeção, por sua vez, não cause alguma dor, até se anestesia primeiro o lugar onde a agulha da seringa da anestesia entra.

O que constatamos no nível da dor física continua no nível da dor psíquica. Ela é anestesiada. Ela não pode acontecer mas, quando acontece, oferecem-se mil maneiras para fugir dela. O resultado é que vivemos num estado constante de anestesiados ou numa constante corrida em busca de novos anestéticos.

Quem está com algum problema começa a comer mais ou a beber mais ou a consumir mais, comprando roupas e artigos eletrônicos para se consolar. Quem está com algum problema tenta esquecê-lo através da música, da dança, do sexo, dos esportes radicais ou do futebol. Quem está diante de um problema começa a fumar, a beber ou a usar drogas.

Quem está diante de um problema se suicida. Solução que no futuro dispensa o uso de qualquer anestético suplementar. Solução, porém, que se revela também, em última análise, como fuga diante de um problema que causou dor. Caminhos de fuga há muitos. Importante é que qualquer dor, na hora, seja anestesiada.

O resultado de toda esta correria atrás de tipos de anestésicos mais diversos é que se perdeu cada vez mais a capacidade de suportar a dor. Sem suportar dor, porém, a pessoa não cresce como pessoa. Assim, estamos de novo confrontados com um dos paradoxos da nossa existência: para achar o sentido de nossa vida, devemos crescer. Para crescer, porém, devemos ser capazes de suportar e de viver um certo nível de dor, de sofrimento e de frustração. Essa dor e essa frustração, o sistema consumista de hoje tenta anestesiar com todos os meios. Como anestesiados, porém, não vamos evoluir enquanto pessoa. E, não evoluindo, não vamos achar o sentido de nossa vida.

Querendo, porém, achar tal sentido, devemos primeiro aceitar que nem toda dor pode ser anestesiada ou evitada. Isto poderá nos ajudar a reconhecer que, mesmo na dor, pode existir um sentido. Não fugindo da dor, aprendemos a enfrentá-la e a lidar com ela da melhor maneira possível. Esse desafio nos torna ativos, mobiliza forças e potencialidades e faz com que cresçamos como pessoa.

Tornando-nos pessoas evoluídas, estamos dando os primeiros passos rumo à descoberta daquilo que é o sentido da nossa vida. Descoberta fascinante, que nos tornará felizes.

Descoberta esta que abre perspectivas muito além de todas as promessas da sociedade de consumo. Descoberta na qual realizamos aquela liberdade, descrita

por Arnold Gehlen, como um dos distintivos entre o homem e o animal.

CONTINUAR A PENSAR

1. Qual é a correlação entre a ideologia da sociedade neoliberal, a compra de produtos e a felicidade das pessoas?
2. Qual é a relação entre frustração e consumo na sociedade atual?
3. Como, na sociedade de consumo, o anseio pelo sentido é tampado pelas promessas da indústria da propaganda?
4. Por que estar frustrado faz parte do estado natural de cada um de nós?
5. Será que o homem é capaz de viver com a dor e com as frustrações?
6. Por que suportar dor e frustrações é necessário para a pessoa humana?
7. O que significa o fato de a nossa sociedade ser marcada por uma “mentalidade de anestesia”?
8. Como, numa sociedade marcada pela “mentalidade de anestesia”, pode-se achar o sentido da vida?

Transformar os fracassos da vida em impulsos para um novo começo

Quem vive está sujeito a frustrações, e quem é capaz de suportar a dor de tais frustrações cria as possibilidades para viver.

Essa conclusão circular não é tautologia, mas uma profunda verdade existencial. A vida nos confronta com desafios e, à medida que a pessoa humana se torna capaz de enfrentar tais desafios, ela crescerá como pessoa e encontrará sentido.

Vimos, nas reflexões dos capítulos anteriores, alguns dos mecanismos que, na sociedade atual, parecem impedir exatamente essa atitude ativa da pessoa. É contra eles e contra toda a mentalidade manipulatória neles escondida que devemos reagir. É contra a tendência de anestesiar o ser humano que devemos protestar. Ela fragiliza o indivíduo. Como conseqüência, as pessoas desenvolvem todo um instrumentário de mecanismos de fuga, através do qual tentam escapar das tensões da vida. O resultado, porém, não é o esperado. Em vez de encontrar conforto e sentido, crescem as fobias, o que finalmente conduz a uma atitude de autopiedade cada vez mais acentuada.

No entanto, olhando para si mesmo e lamentando a inutilidade de sua vida, ninguém abre caminhos rumo a novos horizontes de sentido. É necessário reagir, sair de si mesmo e abrir-se para novas experiências. É verdade que tais tentativas já existem. Certos jovens reagem à sociedade dos anestésicos com radicalismo. Existem os grupos de “suspensão ou perfuração humana”, cujos membros tentam testar os limites humanos, provocando em si mesmos todo tipo de dor, até os limites do suportável. Os adeptos dessas práticas dizem que é através da dor que se tornam capazes de experimentar até “algo de transcendente”.

Sendo verdade que a dor confronta o ser humano de maneira mais radical consigo mesmo, podemos até compreender tais tentativas. Mas, apesar disso, os argumentos não convencem.

Há neles muitos elementos que aproximam os seus adeptos a atitudes masoquistas e patológicas. Por outro lado, porém, permanece o desafio de que, para achar o sentido da vida, a pessoa deve enfrentar esta vida. Só que, fazendo isso, ela sempre será frustrada. É exatamente a dor dessa frustração que se deve aprender a suportar e a superar. Agindo dessa maneira, o homem iniciará os passos rumo a essa vida que se abre. À medida, porém, que se abre, descobrirá nela o seu sentido escondido. Não o encontrará por causa das frustrações que a vida provoca, mas porque não se deixa abalar nem aniquilar pela dor dessas frustrações.

Mas, nesta caminhada da vida, além de frustrações, vamos experimentar também fracassos. Os nossos planos não darão certo e os nossos projetos serão rejeitados ou se mostrarão inviáveis. Pode até ser que simplesmente não sejamos capazes de concretizar algo que gostaríamos de ter realizado. As circunstâncias não o possibilitaram ou as nossas limitações nos impediram de ter êxito – em uma palavra, fracassamos em nossas tentativas.

Fracassando, porém, muitos perdem a sua auto-estima, ficam infelizes, sentem-se fragilizados ou até começam a sentir aquilo que chamamos de “vazio existencial”. Dessa maneira, as tentativas malsucedidas, que em si também poderiam contribuir para a descoberta do sentido da vida, para muitos só se tornam sinais de sua suposta incapacidade.

Muitos, diante de um fracasso, reagem assim e, como conseqüência, param de tentar outra vez, e se abandonam à dor da vítima, desenvolvendo, às vezes, aquilo que podemos chamar um verdadeiro “complexo da vítima”. Como conseqüência disso, se deixam abalar num círculo vicioso de dúvidas e inseguranças. Caso os seus fracassos ainda estejam relacionados com a sua convicção religiosa, podem surgir também complexos de culpa religiosa. Estes, por sua vez, aumentam a infelicidade e diminuem a auto-estima.

Por causa de tais mecanismos, há pessoas que já não conseguem mais sair daquelas cirandas sem fim, nas quais giram incessantemente em torno de si mesmas e de seu aparente fracasso, sem achar nenhuma solução. É nessa situação que se deve buscar uma atitude alternativa! Não adianta deixar-se envolver num círculo vicioso de autocompaixão. Não adianta lamentar-se, ter pena de si mesmo e fechar-se por dentro de uma atitude de vítima.

Também é inútil castigar-se com auto-acusações e carregar complexos de culpa. Em vez de deixar-se fragilizar por tais atitudes e perder cada vez mais a sua auto-estima, é necessário optar por um caminho oposto:

⇒ ter a coragem de aceitar o seu fracasso como tal e começar algo diferente.
⇒ reconhecer que a tentativa não deu certo.
⇒ admitir que os esforços deram errado.

E, depois de tudo isso, manter a sua auto-estima em alta, sabendo que não se é o único ser no mundo que viveu tais experiências de fracasso! Fracassos fazem parte da experiência da vida e, em todo fracasso, no mínimo, pode-se aprender que o caminho escolhido não foi o certo.

Caso isso aconteça, em vez de desistir, comece de novo! Busque outras maneiras de agir. Ache um novo caminho, descubra outros meios! Em vez de ficar imobilizado pelo fracasso dos seus projetos, sejam eles de natureza profissional, social, econômica ou existencial, a pessoa pode transcender o seu

fracasso e iniciar uma caminhada diferente.

Todo fracasso, além de ser o termo de uma tentativa, se apresenta também como possibilidade para um novo começo. A nossa vida, em muitos casos, se apresenta como a vida daquele sábio que ficava sentado anos e anos numa estação de trem, aguardando aquele trem, com o qual havia sonhado e que lhe traria o sentido da sua vida. Só que aquele trem demorou. Nunca chegou, e sempre as expectativas do sábio eram novamente frustradas. Então, para fazer passar o tempo, começou a ajudar as pessoas que saíam dos trens. Começou a carregar as malas delas, a cuidar dos filhos e dos cachorros delas e, por fim, até deu indicações sobre o caminho. Ajudava aqui e ali e, assim, o tempo passou e o homem envelheceu cada vez mais. Mas muitas pessoas se tornaram felizes por causa de sua ajuda.

Os anos passaram e, finalmente, o homem chegou ao fim da sua vida. À beira da morte, quase já sem condição de se mexer e sem possibilidade de enxergar, ele perguntou ao chefe da estação: “Esperei a vida toda por aquele único trem que traria até mim o sentido da minha vida, mas ele nunca chegou. Será que um dia ainda chegará?”.

O chefe da estação se baixou para ele e, vendo que o homem estava para morrer, levantou a voz e gritou na orelha do moribundo:

“Aqui não passará mais trem nenhum, porque esta estação só foi feita para você. Todos os trens que pararam aqui, e as centenas de passageiros que saíram neste lugar, eram destinados somente a você. Foi neles que se realizou o sentido da sua vida. Agora que você morre, vou lá fechar a estação”.

A parábola acima mostra a figura de um homem que durante toda a sua vida aguardava algo que, assim como ele imaginava, nunca aconteceu. Assim, para ele, cada trem que chegou se revelou sendo uma frustração e um fracasso.

Em vez de lamentar, porém, os sucessivos fracassos das suas expectativas, o homem aproveitou a oportunidade e realizou no momento oportuno aquilo que lhe parecia adequado. E era nisso, aliás, que finalmente consistia o sentido da sua vida.

À medida que entendermos essa grande verdade, não só nos aproximaremos daquilo que chamamos de sabedoria, mas também nos tornaremos felizes porque compreenderemos um pouco daquilo que é o caminho, rumo ao sentido da nossa vida.

CONTINUAR A PENSAR

1. Mostre alguns dos mecanismos de fuga através dos quais as pessoas tentam escapar das tensões da vida.
2. O que significa “para achar o sentido da vida, a pessoa deve enfrentar esta vida”?
3. Qual a conseqüência quando o homem não se deixa abalar e nem aniquilar pelas frustrações

inevitáveis da vida?
4. De que maneira fracassos podem contribuir para achar o sentido da vida?
5. Como muitas pessoas reagem diante de um fracasso?
6. Qual é a problemática e o perigo do “complexo da vítima”?
7. Como se pode superar a tentação de cair numa atitude de autovitimização que conduz a um “complexo da vítima”?
8. Por que a superação do “complexo da vítima” é essencial para achar sentido na própria vida?
9. O que a parábola do homem na estação de trem pode ensinar em relação à questão do sentido da vida?

O sentido do ser humano transcende tudo aquilo que é finito
(de Kierkegaard, 1813-1855, a Karl Rahner, 1904-1984)

Na época pós-moderna do século 21, a busca por respostas para a questão do sentido em nada acabou. Ela, pelo contrário, torna-se mais urgente do que nunca. As pessoas são bombardeadas por inúmeras propostas da indústria de consumo. Elas são invadidas por cada vez mais ofertas de produtos e de coisas. O homem fica sufocado num mar de objetos materiais e, ao mesmo tempo, confronta-se com problemas quase insolúveis de fome, violência e de pobreza.

Os representantes da sociedade de consumo propagam com alta voz que a compra de cada vez mais coisas será capaz de responder a todos os possíveis anseios por felicidade e prazer. No fundo, porém, todos aqueles anseios, em última análise, revelam ser nada mais do que anseios pelo sentido. Será que a posse de coisas realmente poderá substituir a busca pelo sentido?

No século XIX, o grande filósofo Sören Kierkegaard, alertou sobre a ilusão de que o pensamento poderia satisfazer os anseios humanos pelo sentido, recorrendo unicamente às dimensões do finito. A sua sentença: "todo conhecer essencial diz respeito à existência", já na sua época, conscientizou sobre o perigo de o homem desviar-se do essencial e criar para si mesmo uma situação de "vazio existencial". Um dos caminhos para a formação desse "vazio" encontra-se na atitude de viver a vida simplesmente no nível do gozar das coisas finitas, sem assumir nenhum compromisso existencial.

Sören Kierkegaard

O que Kierkegaard formulou no século XIX não perdeu em nada a sua atualidade no século XXI. A situação, na qual também hoje muitas pessoas se encontram, é exatamente essa.

Dentro do atual sistema de neoliberalismo globalizado e orientado pelo

consumo, o homem corre o perigo de perder o seu ser dentro das inúmeras ofertas de coisas finitas, apresentadas pelo sistema. Além disso, aumenta a tendência de o sistema dispor cada vez mais do homem em todos os níveis.

Um número cada vez maior de pessoas deixa-se determinar, de um lado como "consumidores"; e de outro lado como "elementos funcionais a serviço do sistema". Elementos, aliás, que devem funcionar conforme os princípios da "eficiência total" e da "qualidade total".

Seguindo a ideologia subjacente a essa concepção, é sugerido que também a indagação pelo sentido seja resolvida dentro dos mesmos parâmetros. O sistema insinua que o homem alcance o seu sentido encaixando-se dentro dos mecanismos de produção e do consumo de coisas finitas propagados. O que se busca evitar, por outro lado, é que as pessoas entrem num processo de autodefinição, cujo resultado, além das coisas finitas, também implicaria na dimensão do infinito.

Mas é pela redescoberta da dimensão do infinito que o homem, mesmo passando pela experiência de solidão, angústia e de um "vácuo existencial", será capaz de recuperar o seu verdadeiro ser.

Ele, além disso, aprenderá que nenhum sistema, nem o econômico, nem o político ou o social podem dispor dele, porque o seu ser tem a sua última raiz em algo que ultrapassa o finito. Quanto mais ele se apega somente ao finito, tanto mais este o conduzirá rumo àquela situação que Heidegger chamou de "esquecimento do ser".

Seguindo as reflexões de Kierkegaard, também hoje deve-se insistir que, para superar esse esquecimento existencial, para escapar à estrangulação pelo "somente finito", *o homem precisa de algo que o transcenda*. Com isso, encontramos de novo a concepção de Victor Frankl e a sua exigência de que o ser humano deve autotranscender-se, para achar o seu sentido.

É importante, porém, ressaltar que o último objetivo desse autotranscender-se não se alcança nem pela realização de alguma grande obra filantrópica, nem pela concentração egocêntrica na autoperfeição da própria pessoa. Para realmente achar resposta definitiva à indagação pelo sentido da existência humana, deve-se realizar um passo a mais.

Entre muitos outros, há sobretudo *Ernst Bloch* e *Karl Rahner,* que sublinham a importância desse passo. Eles insistem no fato de que a pessoa humana, por causa da sua natureza, é incapaz de ficar satisfeita pelo finito. A partir de reflexões de Ernst Bloch, chega-se a dizer que o homem sempre está aberto para as possibilidades infinitas de um futuro não realizado ainda. Com esse enfoque, abre-se uma dimensão chamada de "utópica".

Em todas as atividades humanas, de uma ou outra maneira, a dimensão da utopia está presente. Está presente também a dimensão da esperança de que a utopia, um dia, possa ser realizada. A constante busca de horizontes ainda desconhecidos, na realidade, revela no homem a presença de um anseio por uma situação na qual todas as perguntas, enfim, poderiam ser respondidas.

Karl Rahner

Pelo menos no seu inconsciente, a pessoa humana sempre sabe que somente pela dimensão do finito, nem o indivíduo nem a humanidade como um todo serão capazes de alcançar o seu último sentido. Rodeado por coisas finitas, o homem vive numa constante tensão que, no fundo, nada mais é do que a insatisfação existencial com uma situação que tenta reduzi-lo ao somente finito. Apesar de tudo isso, porém, continua na sua busca, movido por um princípio que Ernst Bloch chama de o "Princípio Esperança".

Incentivado pelo impulso desse princípio, o homem mantém o sonho utópico de um estado de plenificação, no qual todas as perguntas pudessem ser respondidas e todas as dúvidas resolvidas.

Diante desse anseio utópico, Bernard Lonergan (1904-1984) estabelece uma relação que até ultrapassa a dimensão da utopia. Ele lembra da existência de um ser, para o qual todas as perguntas realmente são respondidas e todas as dúvidas resolvidas. É um ser infinito que transcende em tudo o humano: esse ser é Deus. Diante dele, todas as tentativas humanas de alcançar um estado de plenificação encontram um novo referencial. Este possibilita ao homem a abertura para uma dimensão que transcende qualquer capacidade humana e, assim, toda a sua busca pelo sentido pode ser saciada plenamente.

Nessa dimensão transcendente, Karl Rahner vê o fim de todo anseio pelo sentido. Segundo ele, o ser humano tenta transcender os seus limites porque, em última análise, sempre busca algo que é mais do que humano. O homem é essencialmente abertura. Mas essa abertura não é abertura para o nada, assim como o compreenderam os existencialistas franceses. Além disso, ela ultrapassa também o nível de um futuro utópico dentro da sociedade e do mundo. A abertura existencial do ser humano é abertura para um absoluto que em tudo o transcende. É a abertura para Deus.

O homem é um ser aberto para Deus

A sua constante busca pelo sentido encontra a sua última resposta somente em algo que transcende o próprio homem por um fator infinito. Esse fator é Deus.

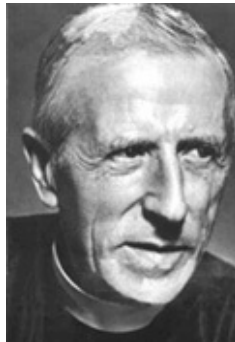
Com essa conclusão fecha-se o círculo das reflexões sobre o sentido da existência humana com uma idéia que, mil e seiscentos anos atrás, o grande filósofo Agostinho do século IV d.C. expressou da seguinte maneira:

"O coração humano permanece inquieto até que em Deus alcance o seu repouso".

CONTINUAR A PENSAR

1. De que maneira Kierkegaard compreende a relação entre o "envolvimento com o finito" e a descoberta do sentido da vida?
2. Em que medida o sistema neoliberal apresenta estruturas opostas às exigências de Kierkegaard?
3. O que acontece se o homem se deixa envolver totalmente pelo "somente finito"?
4. Qual é o papel da dimensão utópica na indagação pelo sentido da vida?
5. Qual é o papel do "Princípio Esperança" na busca de sentido?
6. Em que medida o pensamento de Bernard Lonergan abre perspectivas além da dimensão utópica?
7. Será que se pode estabelecer uma relação entre o "Princípio Esperança" de Ernst Bloch e a concepção antropológica de Karl Rahner?
8. Qual é a diferença entre a Concepção Antropológica de Rahner e a proposta de sentido, formulada pela ideologia neoliberal?

Descobrir o sentido cósmico da existência humana (Teilhard de Chardin, 1881-1955)

Há poucos pensadores que mudaram tanto a nossa perspectiva sobre a vida e o mundo quanto o fez Teilhard de Chardin. Nas suas reflexões filosóficas, ele desenvolve, com base em pesquisas empíricas, uma nova e fascinante visão da posição e do sentido do ser humano dentro do cosmo.

Teilhard de Chardin

O homem, de antemão, não pode ser visto a partir de uma perspectiva restrita e individual. Ele, bem pelo contrário, é o protagonista dentro de uma inimaginável dinâmica cósmica, chamada de evolução. Esta começou há mais ou menos 13 a 14 bilhões de anos atrás, com uma explosão que em todos os níveis rompe os limites da nossa imaginação: o *Big Bang*. A partir dessa origem, o cosmo, num processo dinâmico e progressivo, evolui durante bilhões de anos. Essa evolução caracteriza-se pelo surgimento de estruturas cada vez mais complexas e mais organizadas. Teilhard conta que esse processo de complexificação crescente dos elementos cósmicos, no decorrer da evolução, apresenta uma característica específica: ele visa o surgimento de graus cada vez mais altos de consciência, de tal maneira que pode-se falar de uma correlação direta entre a complexidade crescente e o surgimento da consciência.

> À sua maneira, a matéria segue desde o início a grande lei biológica da complexificação crescente… Vista a partir de um enfoque genético, a matéria do universo se concentra em formas materiais cada vez mais organizadas.[18]

O processo da complexidade já passou por vários saltos qualitativos e está progredindo também hoje e no futuro. No seu nível inicial, esse processo só se manifestou dentro da matéria inanimada. Ela, durante mais ou menos 10 bilhões de anos, alcançou estruturas cada vez mais complexas. Teilhard chama essa fase da evolução de *Geo-esfera*. A partir de um certo grau de complexidade da matéria, porém, é possível um salto qualitativo: o surgimento da vida. Com isso, o processo evolutivo entra na fase da *Bio-esfera*. Nela, a complexidade das

estruturas continua, mas somente no nível da matéria animada. Nela alcança, através de mais um salto qualitativo, um terceiro nível, no qual se torna possível a manifestação da consciência. Teilhard chama esse nível da evolução de *Noo-Esfera*.

Mas também a consciência, uma vez manifesta, segue a mesma lei de complexidade crescente. Ela, aliás, sempre esteve presente na matéria, mas somente pôde manifestar-se a partir do momento no qual o processo da complexidade havia alcançado um certo grau de complexão. Ali, a consciência podia manifestar-se de maneira cada vez mais expressiva como autoconsciência. Esta finalmente alcança, no ser humano, o seu nível até agora mais desenvolvido.

O homem torna-se, assim, "o eixo e a flecha da evolução". É nele e somente nele que a evolução progride rumo a uma quarta fase, chamada por Teilhard de "*socialização*" de toda a humanidade. Conforme ele, nessa humanidade, as relações entre os indivíduos irão intensificar-se cada vez mais, de tal maneira que se formará uma consciência planetária de solidariedade e de responsabilidade mútua.

É dentro dessa vasta e complexa dinâmica da evolução cósmica da consciência que devemos situar a questão do sentido da existência humana. O indivíduo está envolvido dentro do processo cósmico, no decorrer do qual evoluem progressivamente uma consciência e responsabilidade global. À medida que o homem participa de maneira consciente nesse processo, realiza o seu sentido. À medida, porém, que o indivíduo deixa envolver-se e manipular-se por interesses opostos à formação de uma consciência responsável e à medida que se deixa guiar por forças que não querem que o homem se torne personalidade própria, esse homem perde o seu sentido.

A disponibilidade do ser humano em colaborar com a formação de uma consciência social e planetária, aliás, em nada significa abdicar da sua individualidade. Pelo contrário, para Teilhard, a personalidade do indivúduo é "o estado mais alto, no qual podemos conceber a matéria do universo". O crescimento e a evolução da personalidade, rumo a uma autoconsciência cada vez mais evoluída, são a precondição para que essa consciência possa convergir numa "totalidade espiritual" que Teilhard chama de "consciência global". Nessa consciência, a união planetária "não significa uma fusão dos indivíduos que os aproxima uns dos outros. Ela, pelo contrário, os diferencia mais ainda; ou seja, ela os ultrapersonaliza".[19]

Essa ultrapersonalização finalmente encontra o seu último objetivo numa situação que Teilhard chama de "Ponto Ômega". Esta noção denomina o fim e o

último destino de todo o processo cósmico da evolução criadora. O “Ponto Ômega” pode ser descrito como convergência da dinâmica de complexidade, conscientização e socialização. Ele pode ser compreendido também como estado culminante da dinâmica processual, que marca toda a evolução. Teilhard formula essa perspectiva numa visão que finalmente supera o nível racional-científico e se aproxima cada vez mais das dimensões religiosas.

> Para a nossa esperança, há razões racionais que convidam cada vez mais a realizar um ato de fé. No futuro, existirá para nós não só uma vida que continua, mas haverá vida num nível superior. Em vista de poder pressentir, descobrir e conseguir a forma superiora da existência, devemos pensar e progredir de maneira cada vez mais decidida naquela direção, para a qual as linhas percorridas pela evolução convergem ao máximo.[20]

Essa convergência máxima, rumo à qual as linhas da evolução se extendem, é descrita por Juan Luis Segundo da seguinte maneira: a criação evolutiva “está (...) destinada a levar a existência humana, que dela resulta, a um verdadeiro diálogo com Deus”.[21]

Conforme Teilhard, é de fato assim que a dinâmica da evolução progride rumo a uma situação final e culminante.

Nela, a consciência da humanidade, ultrapersonalizada e apesar disso global, atraída pela força do amor, converge e culmina no encontro com uma outra consciência pessoal e infinita que é o Cristo, chamado de “Cristo cósmico”. É esse encontro que significa o fim e o último destino de toda a evolução, o “Ponto Ômega”.

Nele, Cristo revela-se como aquilo que era desde o início do cosmo: energia de amor. Essa energia deu o impulso inicial a todo o movimento cósmico da evolução e, ao mesmo tempo, é o seu destino final. Teilhard o chama “um centro que irradia no coração de todo o sistema”.[22]

A partir dessa visão, o grandioso dinamismo da evolução criadora do cosmo revela-se como processo rumo a um objetivo final. E o homem, por sua vez, torna-se peça-chave na realização desse objetivo.

É a partir dessa concepção que se abre o caminho para o sentido desse homem. Ele não é jogado no mundo por forças do acaso. Tampouco a sua existência pode ser chamada de absurda. O contrário é verdade!

Cada pessoa humana é convidada a participar da dinâmica evolutiva do cosmo e a contribuir para o seu andamento. À medida que o indivíduo assume o seu papel de crescer como pessoa, realiza o seu sentido.

Ele se torna colaborador e elemento ativo de um processo, que Teilhard descreve da seguinte maneira:

> De cima para baixo se sente a mesma influência criadora, cada vez mais purificada, cada vez mais complexa. À sua origem, eram obscuras afinidades que movimentaram a matéria; logo depois, a

> atratividade do vivo se manifestou – um movimento quase mecânico nas formas mais baixas, mas que no coração humano se torna capacidade infinitamente rica do amor; mais para cima, afinal, se forma a paixão para a realidade que supera a dimensão do humano.[23]

Nesse processo, a tarefa da consciência humana é esta: ela deve tomar consciência do mundo em torno de si e descobrir, neste mundo, as causas e as razões das situações e dos mecanismos problemáticos. Por último, deve tomar as medidas necessárias para superar os problemas constatados.[24]

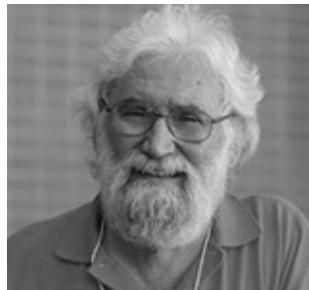
Agindo dessa maneira, o homem torna-se elemento ativo dentro da dinâmica cósmica de convergência rumo ao Ponto Ômega. É ele "quem deve dar sentido à realidade... Está em suas mãos humanas 'personificar' o universo".[25] À medida que o homem consegue realizar essa personificação do mundo conforme os parâmetros do amor, ele não só realiza o seu objetivo cósmico, mas alcança também o seu sentido pessoal e individual.

CONTINUAR A PENSAR

1. O que significa a lei da complexidade crescente?
2. Qual é a correlação entre essa lei e o surgimento da consciência?
3. Quais os "saltos qualitativos" pelos quais o processo da evolução alcança, progressivamente, estágios mais avançados?
4. Qual é a relação entre esses "saltos qualitativos" e o processo progressivo de complexidade que se realiza no decorrer da evolução?
5. O que significa para Teilhard de Chardin a "esfera da socialização"?
6. O que significa o "Ponto Ômega"?
7. Qual é a energia básica que move todo o processo da evolução criadora?
8. Qual é o papel do homem dentro do processo evolutivo do cosmo?
9. Como o homem alcança o seu sentido cósmico?
10. Qual é a correlação entre sentido cósmico e sentido individual do homem?

18 Teilhard de Chardin. *Der Mensch im Kosmos*, 1959, p. 22.
19 Teilhard de Chardin. *Salvar a humanidade*, 1936 (Essai).
20 Teilhard de Chardin. *Der Mensch im Kosmos*, 1959, p. 225 (Le Phénomène humain).
21 Juan Luis Segundo. *Que mundo? Que homem? Que Deus?* São Paulo: Paulinas, 1995, p. 393.
22 Ibid, p. 256.
23 Ibid.
24 cf. Teilhard de Chardin. *Le Phénomène humain* IV, 2,1 a, In: *Obras completas*, Vol. 1, p. 287.
Vide também: Teilhard de Chardin. *L'Avenir de l'homme*, 1959.
25 Afonso Maria Ligório Soáres (Org.). *Dialogando com Juan Luis Segundo*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 183.

Uma nova solidariedade contra todas as tendências de alienação: emergência de uma perspectiva latino-americana que possibilita encontrar sentido

A experiência atual de um sistema socioeconômico, chamado neoliberalismo, faz crescer na América Latina um novo processo de conscientização emancipatória. Inspirado pelas suas profundas raízes religiosas, cresce nos povos do nosso continente uma nova consciência. Ela está *marcada pela recuperação da dimensão social e comunitária*, tão esquecida na maioria das propostas para a busca de sentido. Em geral, essas propostas tomam como ponto de partida o indivíduo. A partir dele e das suas necessidades, desenvolvem respostas sobre como esse indivíduo pode achar o seu sentido.

Leonardo Boff

Na América Latina, nos últimos anos, formulou-se uma outra perspectiva, cujo impulso inicial encontramos, sem dúvida, nas atuações da assim chamada *Teologia da Libertação* – fenômeno típico e expressivo de uma nova e original maneira de pensar o homem.

Pensadores como *Leonardo Boff* no Brasil, *Gustavo Gutierrez* no Peru e *Franz Hinkelammert* no Chile e na Costa Rica, junto com muitos outros, incentivaram, a partir da perspectiva das vítimas, o surgimento de novos caminhos. Neles supera-se a redução individualista, típica do pensamento europeu e norte-americano. Em vez disso, recupera-se com base na experiência dos povos latino-americanos e a partir da sua profunda religiosidade, uma nova compreensão do homem. O homem passa a ser visto como sujeito da História, incentivado e sustentado por Deus. Esse Deus, por sua vez, se revela como um Deus da vida que, de antemão, se solidariza com todos aqueles que foram esmagados, marginalizados, oprimidos e excluídos. Para expressar a sua solidariedade, ele mesmo assumiu em Jesus de Nazaré a perspectiva dos fracos, dos vencidos, dos excluídos e dos fracassados.

Os textos bíblicos apresentam esse enfoque “a partir de baixo” como sendo a

perspectiva do próprio Deus. A conseqüência desse fato é que agora são também esses "de baixo" que, em nome de Deus, podem recuperar a sua dignidade e desenvolver, na base da sua religiosidade, um novo caminho para achar o sentido da sua vida. Essa emergência de uma nova consciência cristã rebelde foi combatida por todos os lados: por forças políticas, econômicas e até religiosas, que não queriam tal conscientização emancipatória das pessoas antes subjugadas.

Gustavo Gutierrez

Franz Hinkelammert

Não obstante todas essas dificuldades, as grandes Conferências dos Bispos da América Latina, em *Medellin (*1968), *Puebla* (1979), *Santo Domingo* (1992) e *Aparecida* (2007), deram impulsos essenciais para a formação de uma nova consciência sobre o ser humano. Além disso, foi redefinida, à luz das palavras de Jesus de Nazaré, uma nova compreensão da posição do homem na sociedade.

Os enfoques principais dessa nova consciência de comunhão e participação podem ser resumidos assim:

⇒ Mudar o lugar social, a partir do qual a realidade passa a ser considerada. Em vez de assumir uma posição "a partir de cima", adota-se uma perspectiva a partir daqueles que estão por baixo.

⇒ Como conseqüência dessa mudança de lugar, os pobres podem recuperar a sua consciência e a sua dignidade de que são sujeitos da História. Eles não são mais reduzidos à massa de manipulação dos poderes dominantes. Essa nova perspectiva expressa-se pelo conceito da "opção preferencial pelos pobres".

⇒ Os homens e as mulheres são chamados a desenvolver uma nova consciência. A partir dela, eles se reúnem numa atitude de **"**comunhão e

participação”. Assim, podem superar as muitas formas de dominação de exclusão, pelas quais os indivíduos são impedidos a encontrar e de viver o verdadeiro sentido de seu ser.

⇒ O resultado dessa nova perspectiva expressa-se de maneira explícita pelo lema positivo e esperançoso: “Um outro mundo é possível”.[26]

À luz dessa nova consciência emergente, as pessoas começam a se compreender não mais como objetos de forças anônimas e incontroláveis, mas *como sujeitos e protagonistas do agir histórico*. A base para esse agir, porém, não é encontrada em alguma ideologia política ou social. Ela muito mais se fundamenta naquilo que é a grande característica dos povos latino-americanos: a sua fé.

Com base nela e partindo das suas novas experiências em nível econômico, político e social, forma-se em muitos homens e mulheres uma nova consciência. Nasce a convicção de que são chamados a participar de um projeto global, cujo autor é Deus. Comprometendo-se com o projeto dele, as pessoas descobrem isso como sendo o último sentido da sua vida.

Dessa maneira, está surgindo na América Latina um projeto que ultrapassa em muito tudo aquilo que as filosofias personalistas do Ocidente haviam elaborado. Surge uma nova perspectiva rebelde e um novo caminho de solidariedade. Dentro deles, as pessoas realmente podem achar um sentido para suas vidas, que vai muito além de todas as dimensões individualistas.

CONTINUAR A PENSAR

1. Qual é o eixo da nova consciência que está se formando na América Latina?
2. O que significa uma consciência “a partir da perspectiva das vítimas”?
3. Por que o enfoque “a partir das vítimas” fica muito ligado à conscientização sobre o “Deus da vida”?
4. Qual é a perspectiva que esse “Deus da vida” assume?
5. Qual é o papel das grandes Conferências do Episcopado Latino-americano em *Medellin* (1968), *Puebla* (1979), *Santo Domingo* (1992) e *Aparecida* (2007), para a elaboração da nova consciência?
6. O que significa: “Mudar o lugar social, a partir do qual a realidade é considerada”?
7. O que significa “ser sujeitos e protagonistas do agir histórico”?
8. O que é expressado com a noção: “um outro mundo é possível”? De que mundo se fala?
9. De que maneira a nova perspectiva rebelde que surge na América Latina é capaz de abrir novas perspectivas para a questão do sentido?

26 Sobre os vários aspectos dessa perspectiva emergente, ver Luiz Carlos Susin. *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006.

Recuperar o projeto visionário de Jesus de Nazaré para recuperar o sentido da vida

A partir de uma perspectiva da elite, a busca pelo sentido da vida se reduz a ações como a busca por um bom emprego e pelo bem-estar social. O resto é resolvido pelas fórmulas da fé, ou pelas propostas alternativas da indústria de propaganda.

Mas todos aqueles que ainda pensam assim, enganam-se. A situação mudou.

O problema da busca de sentido não se restringe apenas a um pequeno grupo de privilegiados que pode se dar ao luxo de se dedicar a tais reflexões. O grito por um sentido maior da vida parte hoje, com a mesma urgência, das grandes massas excluídas e marginalizadas do povo.

A experiência de um vazio existencial ameaça todas as classes da população. Esse vazio manifesta-se, por exemplo, através de neuroses de desemprego, neuroses do domingo e neuroses do tempo livre. Essas neuroses, hoje, passam a ser problemas encontrados em todas as camadas sociais. Para muitos, Deus até se tornou ausente e a voz dos vendedores se sobrepõe à voz da Igreja.

Em meio a todo esse barulho, porém, as pessoas voltam a procurar com insistência renovada aquelas respostas que ultrapassam as promessas de prazer, formuladas pelos vendedores da indústria de consumo. As indagações são formuladas, cada vez mais também, pelos integrantes das camadas mais humildes de nosso povo:

⇒ Qual é o sentido da nossa vida humana?

⇒ Quem garante o nosso valor neste sistema, que cada vez menos precisa de nós?

⇒ Onde encontramos a nossa dignidade, quando todas as estruturas em volta nos dizem que não temos valor, porque não somos interessantes para o sistema de consumo?

Essas perguntas são feitas por uma parte cada vez maior do povo humilde e excluído. O seu clamor se une às indagações de todos os incluídos que, por sua vez, sentem-se cada vez mais instrumentalizados, usados e esvaziados por um sistema que só se interessa pelo seu valor enquanto força de trabalho. A crise de sentido dos “incluídos” os une aos “excluídos”. Aproxima-os também de todos aqueles que nem são mais considerados pelo sistema e pelos mecanismos de maximização do lucro: os desempregados, os pobres, os não formados, os não mais utilizados, os doentes, os velhos e todas as camadas populares que encontram-se à margem do sistema.

As perguntas sobre o sentido da vida ganham uma nova e dramática dimensão:

⇒ Como a vida pode ter sentido para uma pessoa cujo valor é negado pelo sistema?

⇒ Como pode ser recuperada a consciência de que o valor da pessoa humana não deriva da sua utilidade econômica, mas da sua existência em si? Existência essa, aliás, que sempre permanece repleta de significado e sentido.

⇒ De que maneira as imensas camadas da população, marcadas pelo estigma da exclusão, podem recuperar o sentido da vida?

Nos meios religiosos é costume apontar para a dimensão da fé, e isso com toda razão.

As grandes Igrejas tradicionais da América Latina, sobretudo a católica e muitas protestantes, conseguiram por grande parte livrar-se de uma herança histórica que as manteve, por séculos, quase exclusivamente concentradas na questão do além.

Hoje isso mudou! As Igrejas começaram a formular respostas religiosas, nas quais aparece uma nova linguagem, novo conteúdo e novos métodos. A partir da perspectiva bíblica de uma “opção preferencial pelos pobres”, conseguiram dar respostas ao grito de milhões e milhões de seres humanos:

⇒ Por que vivemos?

⇒ Por que Deus nos colocou nesta vida?

⇒ Qual é a nossa tarefa específica e especial a cumprir nesta terra?

⇒ Será que essa tarefa existe?

A essas indagações fundamentais, as Igrejas respondem hoje com novos enfoques e com uma nova mensagen. Assim, elas recuperam aquilo que sempre esteve presente na concepção de seu fundador, Jesus de Nazaré.

Baseada nele e fundamentada na profunda religiosidade do povo, surgiu na América Latina uma perspectiva alternativa. Nela, a pergunta pelo sentido, de uma ou de outra maneira, está ligada à dimensão religiosa. O seu enfoque principal concentra-se na seguinte temática:

Qual é a nossa tarefa específica, para a qual Deus nos colocou na vida?

Eis a indagação-chave, à qual se deve dar uma resposta. Essa resposta, inevitavelmente, implica na pergunta sobre a posição de Jesus frente a essa questão.

Nas últimas décadas, a Teologia Latino Americana recuperou, como centro da mensagem de Cristo, aquilo que se chama “O Reino de Deus”. Esse Reino é a mensagem-chave de toda a sua vida. No entanto, apesar disso, foi muito

esquecida no passado e tantas vezes deturpada no decorrer da História. As suas propostas claras, concretas e alternativas foram ofuscadas por interpretações espiritualizantes, legalistas, moralistas e triunfalistas.

É essa mensagem que a Teologia, chamada de "libertadora", recuperou no seu sentido original. Fazendo isso, descobriu também a resposta ao grito de tantos corações humanos, nos dias de hoje.

⇒ Qual é a tarefa que Deus nos deu para cumprirmos nesta vida?
⇒ Será que essa tarefa existe?
⇒ Qual é a razão da nossa vida aqui na terra?
⇒ Por que vivemos?

Voltando às palavras de Deus, assim como ele as formulou na sua mais clara manifestação em Jesus Cristo, foi possível superar as espiritualizações históricas da sua mensagem.

Espiritualizações através das quais, os homens, no decorrer da História, tentavam encobrir o escândalo de um Deus que deixou o céu para morar junto aos homens na terra.

Transcendentalizações através das quais era possível esquecer a verdade tão incômoda de que os louvores religiosos, no fundo, não interessam muito a Deus. Ele, bem pelo contrário, se entusiasma com ações que superam a exclusão, a pobreza e a injustiça.

Esse fato já se manifesta em muitos textos do Antigo Testamento e vem à tona de maneira específica na atuação de Jesus, através da qual os cristãos reconhecem a mais clara revelação de Deus (cf. Am 5,21-24; Os 6,6; Is 1,11-17; Is 58,5-6).

Voltando ao sentido original das palavras desse Deus que se tornou homem, a Teologia na América Latina começou a responder ao grito pelo sentido dado pelas pessoas desprivilegiadas do continente. Grito articulado com uma urgência cada vez maior.

A resposta a esse grito começou a ser formulada com base naquilo que Jesus de Nazaré chamou de "Reino de Deus". Proposta cujo verdadeiro alcance muitos nunca compreenderam e inúmeros já esqueceram. Essa proposta foi recuperada a partir das palavras do próprio Jesus.

Vale a pena estudá-la pelo menos no seu núcleo principal, porque é nele que se encontra uma resposta interessante e original à indagação pelo sentido da vida. Esse Jesus pediu que se fizesse "a vontade do Pai" (Mt 7,21). Qual, porém, é a vontade desse Pai?

Baseada na tradição bíblica, a vontade dele é que nesta terra e nesta história, se estabeleça uma situação em que seja possível a realização dos critérios

determinados por ele.

Conforme a tradição bíblica, a vontade do Pai é esta:

> Que nesta terra se estabeleça uma situação que possibilite a realização dos critérios dele!

Para denominar essa situação que corresponde aos critérios de Deus, os textos bíblicos recorrem à noção de “Reino de Deus”.

A vontade do Pai é que ele possa reinar nesta terra de maneira plena e absoluta. E para que isso seja possível, esse *Deus Pai recorre aos homens e às mulheres, pedindo a eles e a elas que preparem o terreno*. Ele os convida a ser os seus instrumentos de transformação. Deus pede aos homens e às mulheres que se engajem em todas as dimensões da vida histórica, para que essa vida e essa História sejam transformadas conforme os critérios dele.

São critérios que podem ser sintetizados assim:

⇒ JUSTIÇA EM VEZ DE INJUSTIÇA;
⇒ AMOR EM VEZ DE EGOÍSMO;
⇒ SERVIÇO EM VEZ DE PODER;
⇒ VERDADE EM VEZ DE MANIPULAÇÃO;
⇒ FRATERNIDADE EM VEZ DE OPRESSÃO;
⇒ PAZ EM VEZ DE BRIGAS E GUERRA;
⇒ MISERICÓRDIA EM VEZ DE LEGALISMO.

São essas as características que Deus quer realizar aqui na terra e na convivência humana.

São esses os planos dele com este mundo. Só que na concretização desses planos, Deus não age sozinho. Deus não age de maneira milagrosa e miraculosa para realizar o seu projeto.

Deus age através das pessoas humanas! Deus chama as pessoas, para que sejam colaboradores e colaboradoras na realização de seu projeto histórico.

Deus incentiva as pessoas para que se engajem num processo de transformação do mundo. A sigla para essa transformação é “Reino de Deus”. À medida que as pessoas engajam-se na dinâmica desse Reino, elas servem a Deus. À medida, portanto, que servem a Deus, realizam o sentido da sua vida.

Eis a grande e profunda verdade da mensagem de Jesus de Nazaré sobre o Reino de Deus. Ela é capaz de dar uma nova resposta também à indagação pelo último sentido da existência humana. No decorrer dos séculos, por causa de um enfoque predominantemente individualista, tal perspectiva foi progressivamente esquecida.

É mérito da Teologia Latino-americana tê-la recuperado de maneira nova e convincente:

> O último sentido de toda vida humana é este: colaborar para que o Reino de Deus se realize.

> O último sentido da existência terrena do ser humano é colaborar no trabalho em fazer crescer aquilo que Jesus chamou de “Reino de Deus”.

À medida que o indivíduo se engaja nesse trabalho, recupera o sentido da sua vida.

À medida que a pessoa concretiza, no seu contexto e na sua história, valores do Reino de Deus, a pessoa realiza o sentido de sua própria existência. Porque a última razão pela qual nós vivemos na terra é exatamente esta: somos convidados a *colaborar com a realização do projeto histórico de Deus, que é o Reino de Deus*. Essa colaboração, conforme os conceitos da Teologia da Libertação, pode ser resumida assim:

> É preciso ir reconfigurando o conjunto da vida social (economia, política, cultura, meio ambiente...) de acordo com o reinado de Deus, cujo critério fundamental são as necessidades da humanidade sofredora. E isso desde o nível e instâncias mais locais até o nível e instâncias mais globais da sociedade.[27]

Enrique E. Dussel, na sua *Filosofia da Libertação,* descreve a mesma atividade assim:

> A práxis da libertação... é um trabalho que se realiza pelo outro na responsabilidade para sua libertação. É a atividade inovadora do uso dos instrumentos que se põem a serviço do pobre. A práxis da libertação é a procriação mesma da nova ordem, de sua estrutura inédita, ao mesmo tempo que das funções e entes que a compõem. É a tarefa realizadora por excelência, criadora, inventora, inovadora.[28]

É através de tal engajamento que toda pessoa humana acha realmente o sentido da sua vida. A problemática da perda de sentido se resolve à medida que as pessoas recuperam essa consciência. Toda busca de sentido da vida encontra a sua última resposta quando a pessoa começa a engajar-se no processo de transformação do mundo, rumo ao Reino de Deus. Nesse trabalho, o homem supera o enfoque individualista e começa a abrir-se para a dimensão comunitária e social, conforme o projeto de Jesus de Nazaré. Abrindo-se para essa dimensão, toda pessoa humana e a humanidade como um todo realmente alcançarão o seu verdadeiro sentido. Tal sentido, porém, não se restringe à perspectiva do indivíduo. Ela até ultrapassa a dimensão comunitária e social. Além dela e incluindo-a, abrem-se dimensões cósmicas e transcendentes, que excedem tudo aquilo que o homem jamais poderia imaginar.

CONTINUAR A PENSAR

1. Busque exemplos para a experiência de vazio existencial que ameaça todas as classes da população.
2. Analise algumas das indagações nas quais, hoje, se escondem as perguntas pelo sentido da vida.
3. De que maneira se manifesta a crise de sentido daqueles que já foram excluídos pelo sistema de maximização do lucro?
4. Por que as respostas religiosas das grandes Igrejas, hoje, novamente podem ser muito interessantes?

5. O que significa a “opção preferencial pelos pobres”, em relação ao problema do sentido?
6. Qual é a nova perspectiva que foi recuperada a partir da vida e da mensagem de Jesus de Nazaré?
7. De que maneira essa nova perspectiva está relacionada com o grande projeto alternativo de um “Reino de Deus”, proposto por Jesus de Nazaré?
8. De que maneira, voltando ao sentido original das palavras de Jesus de Nazaré, a Teologia na América Latina começou a responder também ao grito pelo sentido, formulado pelas pessoas desprivilegiadas do continente?
9. Quais são as grandes transformações que, conforme Jesus de Nazaré, deveriam ser realizadas na História?
10. Qual é o papel dos homens e das mulheres nesse programa?
11. De que maneira a participação no programa de Jesus responde também à indagação pelo sentido da vida?

27 Francisco de Aquino Júnior. Práxis cristã em tempos de globalização, in: *Revista Eclesiástica Brasileira* 67, fasc. 266, abril 2007, p. 299.

28 Enrique D. Dussel. *Filosofia da Libertação.* São Paulo: Loyola, p. 69-70.

COMO LER FILOSOFIA

Jair Barboza

Schopenhauer

A decifração do enigma do mundo

Escatologia
Ronold J. Blank
do mundo
O projeto cósmico de Deus
Escatologia II

Luiz Alexandre Solano Rossi
100 orações
para começar
bem o dia
PAULUS

100 orações para começar bem o dia

Rossi, Luiz Alexandre Solano
9788534938624
108 páginas

Somos chamados como discípulos e missionários a uma vida de oração. 100 orações para começar bem o dia deseja ser um instrumento que facilite a construção de um discípulo que ora "sem cessar". As orações contidas no livro são, também, provocações. Desejam interpelar quem ora e, ao mesmo tempo, exigir uma resposta. Quem ora se transforma!

Compre agora e leia

Table of Contents